UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

LUIZA DAVIANE SANTOS BARBOSA

CIRCULAÇÃO DE LIVROS E PRÁTICAS DE LEITURA NA SOCIEDADE SERGIPANA OITOCENTISTA: CATÁLOGO NATODIGITAL DA LIVRARIA COMERCIAL

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2024

LUIZA DAVIANE SANTOS BARBOSA

CIRCULAÇÃO DE LIVROS E PRÁTICAS DE LEITURA NA SOCIEDADE SERGIPANA OITOCENTISTA: CATÁLOGO NATODIGITAL DA LIVRARIA COMERCIAL

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Ferreira Costa Bonifácio

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada pela bibliotecária Maria Edvânia da Silva Pereira CRB – 5/2098

Barbosa, Luiza Daviane Santos.
B238c Circulação de livros e práticas de leitura na sociedade sergipana oitocentista: Catálogo natodigital da livraria comercial / Luiza Daviane Santos Barbosa. - São Cristóvão, 2024.
86 f. : il. ; color.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Ferreira Costa.
Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência da Informação) Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2024.

1. Livros. 2. Livraria Comercial. 3. Práticas leitoras em Sergipe. 4. catálogo natodigital. I. Costa, Renata Ferreira, orient. II. Título.

CDU 002 (813.7)
CDD 018.981

LUIZA DAVIANE SANTOS BARBOSA

CIRCULAÇÃO DE LIVROS E PRÁTICAS DE LEITURA NA SOCIEDADE SERGIPANA OITOCENTISTA: CATÁLOGO NATODIGITAL DA LIVRARIA COMERCIAL

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Avaliação: Aprovada

Data da defesa: 06/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
RENATA FERREIRA COSTA BONIFACIO
Data: 11/03/2025 17:00:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Renata Ferreira Costa Bonifácio
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br
JOAO PAULO GAMA OLIVEIRA
Data: 12/03/2025 13:56:45-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira
(Membro Externo – PPGED/UFS)

Documento assinado digitalmente
gov.br
GERMANA GONCALVES DE ARAUJO
Data: 12/03/2025 17:38:47-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Germana Gonçalves de Araújo
(Membro Interno – PPGCI/UFS)

AGRADECIMENTOS

Quando falavam que esse momento passaria rápido eu não tinha noção da agilidade dos dias. Lembro que, na empolgação dos primeiros momentos, cheguei até a duvidar, mas aqui estou eu, mais uma voz para atestar: tudo passou depressa demais. Ainda assim, a fugacidade dos dias não nos priva de angústias, medos, inseguranças e das alegrias das pequenas conquistas. Dos achados sobre a temática, das associações que fazem sentido. Ser mestranda foi um papel desafiador vivido entre momentos desafiadores.

Nas muitas horas de dúvida, lembrei do apoio das pessoas queridas. Da minha mãe que desde criança dizia “estude, minha filha, pois a única herança que um pobre tem pro seu filho é o estudo”. Lembrei dos sacrifícios do meu pai, infelizmente não mais presente, e dos sonhos que tive com ele me falando “estude”. Lembrei das esperanças que os meus irmãos creditaram em mim, do exemplo que quero deixar para minha sobrinha, das palavras de incentivo de alguns amigos, do apoio do meu marido, das palavras e orientações da professora/orientadora Renata. E em meio ao turbilhão de coisas da vida, lembrar de tudo isso me ajudou a continuar e principalmente a agradecer a DEUS pelas oportunidades e pessoas queridas.

Eternizo nestas linhas a gratidão que sinto por todos que fizeram parte desse pedaço do caminho. Essa conquista também pertence a vocês.

RESUMO

Ao longo dos séculos, os livros sempre atuaram como produtos e produtores do pensamento social, sendo objetos detentores da memória coletiva e fornecendo características das épocas em que circularam, bem como de seus leitores. Diante da relevância do livro como fonte informacional, este trabalho explorou o caráter memorialístico e representativo de obras que circularam em Sergipe durante o século XIX. Memorialístico, porque abriga a historicidade de um povo em determinado período, e representativo, porque revela o pensamento que eclodia não somente em Sergipe, como no Brasil do século XIX. Tal feito partiu da exploração documental do Inventário da Livraria Comercial, estabelecimento existente na cidade de Aracaju no fim do período oitocentista. Objetivando dar luz às práticas leitoras do período, por meio da análise exploratória e bibliográfica, foram feitos apontamentos acerca dos motivos que tornaram esses títulos marcantes para época e a partir desse diagnóstico foi criado o Catálogo Natodigital Interativo da Livraria Comercial. Através desse material, o público poderá ter acesso a obras que circularam na época, rememorando as práticas leitoras que faziam parte do cotidiano dos sergipanos e, consequentemente, dos leitores brasileiros.

Palavras-chave: Catálogo natodigital. Livraria Comercial. Livros. Práticas leitoras em Sergipe.

ABSTRACT

Over the centuries, books have always acted as products and producers of social thought, serving as objects that hold collective memory and providing characteristics of the periods in which they circulated, as well as of their readers. Given the importance of books as informational sources, this study explored the memorial and representative nature of works that circulated in Sergipe during the 19th century. Memorial, because it holds the historical essence of a people during a specific period, and representative, because it reveals the thoughts that emerged not only in Sergipe but also in 19th-century Brazil. This endeavor began with the documentary exploration of the inventory of Livraria Comercial, a store located in the city of Aracaju at the end of the 19th century. Aiming to shed light on the reading practices of the time, through exploratory and bibliographic analysis, notes were made regarding the reasons why these titles were significant for the period. Based on this analysis, the Interactive Natodigital Catalog of Livraria Comercial was created. Through this material, the public will have access to works that circulated at the time, revisiting the reading practices that were part of the everyday life of the people of Sergipe and, consequently, of Brazilian readers.

Keywords: Natodigital catalog. Livraria Comercial. Books. Reading practices in Sergipe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Números de Escolas em SE em 1870	26
Figura 2	Nota da H Martins & Cia	29
Figura 3	Nota da Loja de Fazendas e Miudezas	29
Figura 4	Anúncio de Máquina de Costura	30
Figura 5	Anúncio de Caixa de Traques	30
Figura 6	Anúncio de Charutos e Figos	31
Figura 7	Anúncio de Zíperes e Broches	31
Figura 8	Anúncio de Envelopes	32
Figura 9	Anúncio de Veludos e Seda	32
Figura 10	Anúncios de Chapéus	33
Figura 11	Anúncios de Camisas	33
Figura 12	Volumes da Coleção Econômica Laemmert	44
Figura 13	Organograma do Arquivo do Judiciário	56
Figura 14	Matriz SWOT	57
Figura 15	Página do Catálogo Natodigital da Livraria Comercial	62
Figura 16	Capa do Catálogo Natodigital da Livraria Comercial	63
Figura 17	Cores do Catálogo Natodigital da Livraria Comercial	63

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1 Almanak Sergipano 1898 34
Imagem 2 Almanak Sergipano 1898 35
Imagem 3 Almanak Sergipano 1902 35
Imagem 4 Almanak Sergipano 1904 36
Imagem 5 Anúncio de Elias Montalvão 36
Imagem 6 Produtos da Livraria Comercial 37
Imagem 7 Variedades da Livraria Comercial 38
Imagem 8 Página inicial do Inventário da Livraria Comercial 39
Imagem 9 Fólios do Inventário 40
Imagem 10 Fólios com livros listados no inventário 41
Imagem 11 Arquivo do Judiciário 54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Matérias de Ensino das Escolas Públicas em 1887 ..... **23**

Quadro 2 Materiais listados **40**

Quadro 3 Características-base do leitor no processo de leitura **50**

Quadro 4 Abordagens Metodológicas **52**

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**10**
2	**LIVRO:** UMA REVOLUÇÃO EM MEIO A REVOLUÇÕES	13
3	**O LEITOR BRASILEIRO DO SÉCULO XIX**	**17**
3.1	**Direcionamentos para a leitura no Brasil Oitocentista**	**20**
3.2	**A sociedade letrada em Sergipe no século XIX**	**24**
4	**LIVRARIA COMERCIAL:** A HISTÓRIA NUNCA CONTADA	28
4.1	**O inventário da livraria comercial**	**39**
5	**O QUE SE LIA EM SERGIPE NO SÉCULO XIX?**	**43**
6	**CONVERGÊNCIAS ENTRE LIVRO, LEITOR E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**	**47**
7	**METODOLOGIA**	**51**
8	**DIAGNÓSTICO**	**53**
8.1	**Caracterização do local da pesquisa**	**53**
8.2	**Público alvo**	**55**
8.3	**Recursos humanos**	**55**
8.4	**Análise Do Desempenho Organizacional – SWOT**	**56**
8.4.1	Ambiente Interno: Forças	57
8.4.2	Ambiente Interno: Fraquezas	58
8.4.3	Ambiente Externo: Oportunidades	59
8.4.4	Ambiente Externo: Ameaças	59
9	**PRODUTO**	**61**
10	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**65**
	REFERÊNCIAS	**66**
	APÊNDICE – Relação dos livros do inventário da Livraria Comercial (Quantidade e Título)	**70**
	ANEXO – Fac-símiles de alguns fólios do Inventário da Livraria Comercial	**76**

1 INTRODUÇÃO

Explorar a trajetória do livro e da leitura é um caminho vastamente percorrido por pesquisas acadêmicas, desde as antigas manifestações em papiro até os impactos da era digital. A compreensão dessa temática revela-se uma fonte inesgotável para desvendar diversos fatores históricos, culturais e sociais. Contudo, menos frequentes são as investigações que exploram a dimensão social do livro, destacando suas contribuições como documento informacional em contextos específicos e em determinados períodos.

É dessa perspectiva que emerge o presente projeto. Encarar o livro como detentor de informações a serem transmitidas permite a exploração de “discursos sociais fluentes num determinado período” (Santos, 2009, p. 2). Nesse contexto, a pesquisa, centrada em uma lista de títulos comercializados pela livraria sergipana Comercial (constante em um inventário de 1901 sob a custódia do Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe), visa criar um Catálogo Natodigital Interativo sobre as obras que circularam na segunda metade do século XIX e seu impacto na sociedade sergipana.

Essa empreitada só se concretizará por meio da convergência de duas áreas do conhecimento que abordarão o corpus em sua totalidade, tanto material quanto informacional: a História Cultural da Escrita e da Leitura, que oferece uma perspectiva contextualizada sobre a produção e consumo de textos, e a Ciência da Informação, que contribui para a compreensão dos aspectos informacionais inerentes a esse conjunto de obras.

Esta dissertação transcende a mera análise estrutural do livro, tornando-se uma incursão profunda no patrimônio documental e bibliográfico, na memória, na cultura e nas práticas sociais e informacionais da sociedade sergipana oitocentista. Esta iniciativa se estende, por conseguinte, a abranger não apenas pesquisadores dedicados ao universo editorial, mas também aqueles que desejam aprofundar-se na história da escrita, da leitura, da formação de leitores e das livrarias no Brasil.

Diante do exposto, este trabalho pretende dar luz às práticas de leitura em Sergipe no final do século XIX. Para tanto, o objetivo principal consiste na elaboração de um catálogo natodigital interativo que apresentará a série de obras registradas no inventário da Livraria Comercial, atualmente sob a custódia do Arquivo Geral do

Judiciário de Sergipe. Essas obras servem como reflexo do conhecimento consumido por aquela sociedade. Para alcançar essa proposta, é imperativo compreender o contexto de produção e circulação dessas obras, identificar os modos de sua recepção e organizar os metadados a elas relacionados, possibilitando sua exposição de maneira acessível.

A metodologia empregada abrange uma abordagem qualitativa para a sistematização de metadados, caracterizando-se como básica, bibliográfica e documental. Essas abordagens, além de fundamentarem o estudo, auxiliam a formulação de hipóteses e a interpretação dos dados.

A criação de um produto como o Catálogo Natodigital Interativo da Livraria Comercial, que evidencia as práticas relacionadas a essa área, reveste-se de extrema importância para os estudos culturais locais e nacionais. Esse formato foi escolhido pela praticidade em termos de acesso e compartilhamento, assim como pela funcionalidade interativa, enriquecendo a experiência de leitura por meio de recursos como imagens e hiperlinks que remetem os leitores a informações adicionais relacionadas às obras.

A execução deste projeto não se limita ao exposto anteriormente, pois vai além, unindo passado e presente de um povo, revelando suas crenças, práticas sociais, cultura e, por fim, reafirmando sua identidade. Além disso, esta proposta se configurará como um recurso para pesquisas futuras, desempenhando relevante papel na memória histórica, cultural e educacional não apenas de Sergipe, mas também do Brasil durante o século XIX.

O primeiro capítulo desta pesquisa aborda o aspecto transformador do livro, que é considerado uma revolução entre revoluções. Os capítulos dois e três tratam do panorama dos leitores brasileiros (capítulo dois) e sergipanos (capítulo três) e como a dinâmica de leitura acontecia no período oitocentista. Em sequência, no capítulo quatro, é apresentada a história da Livraria Comercial e o inventário que contém a lista de obras de seu acervo.

O quinto capítulo aborda uma discussão sobre o que se lia em Sergipe no século XIX e de que forma essa leitura impactou o pensamento regional e, por extensão, no Brasil. O capítulo seis consolida essa discussão ao citar as convergências entre livro e leitor sob o panorama da Ciência da Informação.

As sessões sete e oito apresentam, respectivamente, a metodologia que guiou a pesquisa e o diagnóstico de forças e fraquezas do Arquivo do Judiciário, que culmina no relato de apresentação do produto, o Catálogo natodigital da Livraria Comercial, e nas considerações finais (capítulos nove e dez, respectivamente).

2 LIVRO: UMA REVOLUÇÃO EM MEIO A REVOLUÇÕES

Antes de ser encarado como um objeto material, uma fonte de informação ou uma mercadoria de troca, o livro é, sobretudo, uma revolução. Essa afirmação se justifica pelo fato de o livro ser o resultado de diversos processos históricos e sociais que não apenas moldaram o modo de vida da humanidade, mas também influenciaram sua disseminação e transformação ao longo das épocas.

Borges (*apud* Hansen, 2019, p. 9) afirma que “o homem inventou instrumentos como extensão do corpo – a espada e o arado como extensão do braço, o microscópio e o telescópio como extensão do olho, o telefone como extensão da voz e o livro como extensão da memória e da imaginação”. De fato, desde seu surgimento, o livro tem sido mais do que um repositório de memória; ele é um agente ativo da ação coletiva, influenciando e sendo influenciado pelas diversas esferas sociais.

Para considerar o livro como um ponto de desassossego coletivo, é preciso revisitar importantes acontecimentos históricos que transformaram a esfera pública. O primeiro marco dessa ampliação na disseminação de obras escritas é a invenção da prensa de Gutenberg, por volta de 1450. Embora a atividade escrita já existisse na Europa, principalmente sob o domínio dos monges da Igreja Católica, foi com a imprensa que a cultura letrada se consolidou no Ocidente, impulsionada pelo crescimento exponencial na impressão de títulos, conforme ilustram Febvre e Martin (2019, p. 345-346):

> [...] bem depressa, a imprensa, tornando os textos mais amplamente acessíveis, assegurou-lhes uma força de penetração que não pode ser comparada à dos manuscritos. Alguns números serão suficientes para mostrar a amplitude desse movimento: 30 a 35 mil impressões diferentes executadas entre 1450 e 1500 chegaram até nós, representando cerca de 10 a 15 mil textos diferentes. [...] Admitindo que quinhentos era o número médio de exemplares por tiragem, houve uns vinte milhões de livros impressos antes de 1500.

A efervescência livreira, como resultado, expandiu a difusão do conhecimento, da cultura e da literatura, contribuindo para a reforma religiosa e acelerando o desenvolvimento de uma mentalidade cientificista e crítica. Eisenstein

(1979 *apud* Briggs, 2006, p. 30) identifica duas consequências significativas da invenção da imprensa: a preservação do conhecimento, em contraste com a volatilidade da propagação de informações orais ou manuscritas, que eram frequentemente reescritas, e o surgimento de uma crítica à autoridade, que permitiu o surgimento de diversas perspectivas de um mesmo tema.

É importante salientar que esse conjunto de transformações não ocorreu de forma instantânea, uma vez que “precisava ter condições sociais e culturais favoráveis para se disseminar” (Briggs, 1921, p. 25). Nesse contexto, a Europa já contava, ainda que de maneira limitada, com um público predisposto a abraçar essas mudanças.

Nesse cenário de expansão da cultura letrada, a Revolução Científica emerge, definindo o período entre o século XVI e o início do século XVIII como uma fase crucial para a prosperidade da ciência, da crítica e da disseminação do conhecimento. O livro, sem dúvida, é um dos instrumentos mais representativos desse avanço. Febvre e Martin (2019, p. 380) destacam que, nessa época, a imprensa prestou serviços inestimáveis ao domínio da ciência.

Obras relacionadas à literatura greco-latina, ciências naturais, anatomia, geografia, história, além de coletâneas jurídicas foram o cerne desse momento, caracterizado por descobertas, convergências entre diferentes áreas do conhecimento, desenvolvimento de teorias, questionamento da tradição e, consequentemente, formulação do método científico. Além disso, o mercado livreiro tornou-se uma das principais atividades comerciais na Europa, desempenhando um papel fundamental em muitas transformações sociais e culturais.

“A leitura é para mente o que o exercício é para o corpo”. Essa citação de Richard Steele, dramaturgo irlandês, ilustra de maneira clara como a leitura, e, consequentemente, o livro, se tornaram fundamentais para o modo de vida da Europa entre os séculos XVII e XVIII, sendo este último século um período fundamental para a ampliação do público leitor.

O que provocou esse boom no mercado livreiro? A resposta envolve uma série de fatores relacionados ao contexto econômico, educacional e cultural. O ponto de partida, sem dúvida, é a Revolução Industrial, que impulsionou o desenvolvimento econômico, beneficiando as pessoas letradas e, ao mesmo tempo, marginalizando os

iletrados. Nesse sentido, Fisher (2006) expressa a importância de o saber ler e escrever para esse momento histórico da sociedade:

> Na Europa mais rica do século XVIII, em uma rede bem definida de estrada e rotas de embarcações, a crescente capacidade de ler resultou no Iluminismo, o qual ofereceu ao mundo, entre outras coisas, os três conceitos cruciais do uso livre da razão, do método empírico da ciência e do progresso humano universal. Porque onde havia riqueza, havia escolas; onde havia escolas, havia mais instrução; e onde havia mais instrução, rápidos avanços ocorriam em toda área de atuação humana (Fisher, 2006, p. 233).

É imprescindível destacar o vínculo entre a noção de educação e o aprimoramento da vida humana. A Revolução Industrial foi, em grande parte, resultado da crescente valorização da instrução, tendo o livro como uma ferramenta fundamental. As sociedades industrializadas reconheceram a importância da alfabetização e, como afirma Fisher (2006, p. 233), “como cultura e poderio econômico caminham juntos, as novas potências industriais [...] determinaram o curso do desenvolvimento cultural”.

Nessa conjuntura, a consolidação da leitura extensiva — que envolve a exploração de um número maior de obras, com o objetivo de adquirir conhecimento — tornou-se uma prática comum da época, e o livro emergiu como o principal mecanismo de acesso à informação.

Roger Chartier (1998, p. 25) ressalta que a revolução do livro diz respeito tanto ao modo de produção quanto à reprodução dos textos. No entanto, além dessas instâncias, o livro representa uma revolução entre revoluções, pois, desde o seu surgimento, desafia tradições, promove o desenvolvimento e está sempre interligado à sociedade. Como discutido, um livro nunca é apenas um objeto material. “Como qualquer outra tecnologia, ele é invariavelmente o produto da agência humana em contextos altamente voláteis” (McKenzie, 2018, p. 15). Embora uma obra pareça acabada, ela está sempre incompleta, pois depende das interações que estabelece, criando um ciclo interminável de construção do conhecimento.

Assim, ao analisarmos o papel transformador do livro e da leitura nas sociedades industrializadas, é fundamental reconhecer como essas dinâmicas se manifestaram de maneira particular no Brasil do século XIX. Neste período, a ascensão de uma nova classe média, acompanhada pela expansão da imprensa e

pela crescente valorização da educação, moldou o perfil do leitor brasileiro, que buscava não apenas informação, mas também formas de participação na construção de uma identidade nacional.

No próximo capítulo, serão exploradas as características desse leitor brasileiro, suas práticas de leitura e como elas refletiram e influenciaram as mudanças sociais e culturais de sua época.

3 O LEITOR BRASILEIRO DO SÉCULO XIX

Embora a alfabetização e a instrução tenham sido introduzidas no Brasil colonial por meio da educação jesuítica, o desenvolvimento e expansão da leitura como prática social ocorreu apenas no século XIX. Essa atividade, antes restrita à elite aristocrática e a outros grupos que também exerciam influência e poder na sociedade, expandiu-se, não apenas em virtude do novo cenário político — com a implantação da República, que via na leitura uma forma de acesso ao saber e "um instrumento cultural cada vez mais valorizado nas sociedades urbanas" (Saviani, 2014, p. 50) —, mas também devido à alfabetização em massa e ao surgimento de três novos públicos leitores: "mulheres, crianças e trabalhadores" (Bastos, 2002, p. 170).

A ascensão de uma nova classe social nascida a partir do crescimento dos centros urbanos e da industrialização é um dos pilares do desenvolvimento das práticas leitoras brasileiras. A burguesia, ou classe média (como é popularmente chamada), é formada por pessoas que têm renda e educação acima da média populacional, mas não fazem parte da elite econômica ou aristocrática. Foi devido ao modo de vida dessa classe, que aspirava estabilidade financeira, valorizava os bens materiais e buscava uma identidade nacional que fugisse dos padrões europeus, que ocorreu uma forte valorização da educação – considerada, junto com o trabalho, o caminho para o progresso social.

Chegar a esse patamar, no entanto, envolveu ainda outras duas circunstâncias fundamentais: a valorização da unidade familiar e a crescente necessidade de lazer. Lajolo e Zilberman (2019, p. 24-25) relatam que a mudança na concepção de "ser família" — antes entendida como um agrupamento de pessoas formado por interesses políticos ou conveniências — passou, com o progresso da burguesia, a ser vista como unidade coesa e fragmentada. Unidade, porque une indivíduos por laços internos sólidos, envolvendo afetos e obrigações; e fragmentada, porque representa uma célula à parte de outras esferas sociais (política, ideológica etc.), constituindo-se como uma pequena instituição, pautada em suas próprias regras e interesses.

Com essa nova concepção de família, na qual a privacidade da vida doméstica é valorizada, surgiu a necessidade de uma forma de lazer que fosse compatível com esse recato. Assim, o ato de ler tornou-se uma prática doméstica, invadindo os lares e integrando-se ao cotidiano das famílias, transformando os livros em “uma das primeiras manifestações baratas e acessíveis de entretenimento” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 26).

Esse cenário promissor, no entanto, ainda apresentava inúmeras limitações para a formação de uma sociedade verdadeiramente leitora. Por volta de 1840, o Brasil começou a desenvolver uma estrutura mínima para a consolidação de uma comunidade leitora: surgiram algumas tipografias, livrarias e bibliotecas, além de uma crescente preocupação com a melhoria do sistema educacional, impulsionada pelo acentuado crescimento econômico decorrente da expansão da cafeicultura.

Nesse contexto, havia um público leitor incipiente, que ainda não sabia valorizar a produção intelectual dos autores, e um mercado livreiro emergente, que funcionava com suas próprias regras e interesses. A figura do autor enfrentou grandes desafios, uma vez que a sua trajetória dependia tanto do leitor quanto dos editores. Embora essa não fosse uma época favorável para os literatos, muitos escritores se viram obrigados a se adaptar a esse sistema, buscando estratégias para minimizar as limitações que o público leitor impunha em sua relação com o texto e para atrair editores para suas publicações.

> Pode-se dizer que o nosso movimento literário é um dos mais insignificantes possíveis. Poucos livros se publicam e ainda menos se leem. Aprecia-se muito a leitura superficial e palhenta do mal travado e bem acidentado romance, mas não passa daí o pecúlio literário do povo (Assis, 1862, *apud* Lajolo; Zilberman, 2019, p. 103-104).

Machado de Assis, um dos autores que vivenciou a expansão do mercado livreiro no Brasil, oferece uma pista sobre o perfil do leitor da época: as leitoras de romances, gênero popular do século XIX, que muitas vezes não conseguiam atingir os sentidos do texto com profundidade. Diante dessa realidade, Machado de Assis e outros escritores começaram a incorporar em suas obras uma técnica semelhante à quebra da quarta parede — termo utilizado no cinema para descrever a interação direta entre um personagem e o público.

Nessa estratégia, o narrador se dirige diretamente ao leitor, buscando envolvê-lo e guiá-lo durante a leitura, retomando fatos, simulando reações e explicando acontecimentos. O resultado desse estratagema é a criação de uma atmosfera de proximidade e cumplicidade entre autor e leitor; enquanto a leitura se torna mais clara e agradável, o leitor também é moldado à maneira do autor. Um exemplo dessa tática pode ser encontrado em um dos primeiros contos de Machado de Assis, *Questão de Vaidade*, de 1864, onde ele escreve: “Suponha o leitor que somos conhecidos velhos. Estamos ambos entre as quatro paredes de uma sala [...]”.

Outra estratégia criada pelos escritores do período é a interação leitor/leitor. Com o crescimento da leitura na época, muitas tramas apresentavam personagens leitores que possuíam obras prediletas — em sua maioria, os clássicos europeus. Essa característica despertava uma identificação entre o leitor real e o ficcional, proporcionando uma maior proximidade com o enredo. Lajolo e Zilberman (2019, p.36) se referem a essas maneiras de seduzir o leitor como “solidariedade da leitura”, pois são ações que aproximam o leitor do texto de forma muito mais profunda e significativa.

No que diz respeito ao cenário de produção e circulação de textos, a análise do panorama editorial brasileiro do século XIX revela um forte regime de mecenato. Tomando como ponto de partida a declaração machadiana mencionada anteriormente, observa-se que pouco se publicava, sendo o custo dos insumos o principal fator dessa limitação. Diante dessa realidade, não era raro que autores buscassem patrocinadores ricos, mecenas que pudessem viabilizar suas obras, ou mesmo outros autores influentes que pudessem auxiliá-los em uma possível publicação. Nesse contexto, viver de literatura era um grande desafio, pois frequentemente era necessário renunciar aos direitos autorais ou aceitar pagamentos simbólicos pela produção intelectual. É preciso ressaltar que essas dificuldades estão intrinsecamente relacionadas à produção literária.

Há outra uma vertente livresca extremamente significativa para o desenvolvimento da leitura no Brasil, que movimentou consideravelmente as casas editoriais da época: o livro escolar. Para compreender melhor sua importância, é fundamental reconhecer que o século XIX também foi um período de profundas transformações na educação brasileira.

Saviani (2014, p. 27-28) explora os principais fatores que tornaram esse período tão significativo para o eixo educacional. Em primeiro lugar, houve uma reorganização da educação infantil, passando do ensino individual para o ensino intuitivo, um processo que valorizava a experiência do aluno por meio da observação e do uso dos sentidos. Essa transformação culminou na necessidade de espaços apropriados para o desenvolvimento dos estudos, resultando na criação de prédios escolares específicos, conhecidos como grupos escolares.

Outros fatores que contribuíram para essa evolução foram a institucionalização da formação de professores e a liberdade de ensino promovida pela iniciativa privada. O fato é que essa expansão da educação popular “criou grandes demandas para a indústria e o comércio, os quais foram se especializando para enfrentá-las oferecendo produtos cada vez mais adaptados ao uso escolar” (Razzini, 2010, p.102).

Esse cenário, somado à exigência de que cada aluno tivesse seu próprio material escolar, aumentou ainda mais a demanda por livros (compêndios, cartilhas, manuais, etc.). Como destaca Razzini (2010, p. 107), isso colocou esses produtos “no centro das adoções oficiais e do interesse das editoras.

Esse contexto educacional e a crescente demanda por livros de instrução não apenas transformaram o cenário editorial, mas também moldaram as práticas de leitura nas escolas do século XIX. À medida que as instituições educacionais se adaptavam às novas exigências, novos métodos e abordagens específicas surgiram, afim de direcionar a leitura para promover um aprendizado mais eficaz.

No próximo subcapítulo, são exploradas como essas diretrizes e práticas se consolidaram, influenciando tanto o currículo escolar quanto as experiências dos alunos na formação de leitores críticos e engajados.

3.1 Direcionamentos para a leitura no Brasil Oitocentista

A escola foi o principal ambiente propulsor das práticas de leitura no século XIX, entretanto, esse estímulo crescente à criação de leitores guardava o interesse principal da instituição e dos detentores do poder: o poder de “moralizar, civilizar e consolidar a ordem social” (Souza, 2014, p. 36). Esses princípios formaram a base

dos ideais dos sistemas de ensino do período e, consequentemente, direcionaram grande parte do que foi intelectualmente consumido. Assim, a educação não se limitava apenas à formação do cidadão, mas também moldava valores e comportamentos que se alinhavam com os interesses sociais e políticos da época.

A pedagogia de ensino adotada, o método intuitivo, conforme explana Razzini (2010, p. 106), influenciou a concepção dos livros dirigidos ao ensino elementar, assim como os de literatura infantil, pois empregava diversos desenhos, ilustrações e fotografias, estimulando o sentido da visão. Essa abordagem visual não apenas tornava o aprendizado mais acessível, mas também mais atrativo para os alunos, contribuindo para a popularização da leitura entre as crianças. Contudo, é importante ressaltar que o governo era o responsável pelos programas educacionais e pelos livros de instrução. Em decorrência, o Estado determinou para a época a obrigatoriedade de livros de leitura para os alunos, sendo responsabilidade da "palavra do mestre" (Pujol, 1896, p. 46-7) a escolha das obras pertencentes às demais matérias de ensino.

O reflexo dessa decisão estatal é comprovado pelo crescimento exponencial de publicações escolares ligadas às primeiras letras, gramáticas e cartilhas. As obras escolhidas pelo governo tornavam os autores referências e se espalharam por todo território brasileiro, chegando, inclusive, a Sergipe. Títulos como *Primeiro e Segundo Livro de Leitura,* de Felisberto de Carvalho, *Grammatica Portugueza,* de Julio Ribeiro, e os *Segundo e Terceiro Livro,* de Hilário Ribeiro, incluídos na lista de obras do acervo da Livraria Comercial, eram leituras fundamentais da época, contribuindo para a formação de uma nova classe média que valorizava a educação como um meio de ascensão social.

Além disso, a espiritualidade era um aspecto presente na rotina escolar. Em sua obra *O Rei do Livro* (2016), Aníbal Bragança explana que a leitura de missais e de trechos das Escrituras também tinha um papel pedagógico nas escolas. O autor revela ainda um panorama cada vez mais plural em relação às instituições de ensino e associações culturais, como a expansão das faculdades, das escolas de profissionalização e bibliotecas, que criaram um público cada vez mais diversificado e carente de obras especializadas. Obras como *Curso de Religião, Horas Marianas* e *A Imitação de Cristo,* também comercializadas na Livraria Comercial, atestam a

circulação desses temas na época, refletindo a busca por uma formação integral que incluía tanto conhecimentos seculares quanto religiosos.

Outros títulos bastante disseminados no período oitocentista fazem parte da vertente Literatura de Comportamento. Trata-se de obras vistas como “utensílios criados para educar determinado grupo da sociedade” (Nascimento; Sales, 2014, p. 2), ou seja, disseminar princípios éticos e morais a serem adotados por diferentes públicos. Essas obras eram utilizadas na escola no processo de letramento e obtenção das habilidades de leitura, exercendo forte influência sobre os comportamentos de meninos e meninas da época. *O Bom Homem Ricardo, Dicionário das Flores* e *Noções da Vida Doméstica*, também encontrados no acervo da Livraria Comercial, são exemplos dessa literatura moralizadora que reflete não somente o pensamento, mas o modo de vida da época.

*O Bom Homem Ricardo (*conhecido também como *A Arte de Fazer Fortuna)*, escrito pelo autor norte-americano Benjamin Franklin, assegura essa visão ao abordar a trajetória de vida do autor que conquistou a riqueza através de trabalho árduo, além de outros elementos que tornaram a obra o livro de cabeceira de homens ricos e pobres que acreditavam no progresso através do trabalho. Já as *Noções da Vida Doméstica*, de Félix Ferreira, era uma obra destinada à educação feminina, atuando como um manual norteador das funções da mulher no lar, que incluía o gerenciamento de recursos, de tempo, cuidados com a higiene, ações filantrópicas etc. Ambas as obras refletem e fortalecem os ideais consolidados no período: o fortalecimento do capitalismo e a visão de que o lugar da mulher era no seio da família.

Em observância ao que foi apresentado até agora e para apresentar outras áreas do conhecimento implementadas no currículo escolar brasileiro, seguem abaixo as matérias de ensino das escolas públicas do ano de 1887:

Quadro 1 - Matérias de Ensino das Escolas Públicas em 1887

- Leitura e escripta;
- Lições de cousas;
- Língua portuguesa e elementos de literatura nacional;
- Leitura explicada e dos Evangelhos e notícia da História Sagrada;
- Elementos de geografia e história especialmente do Brasil, e explicação sucinta do Império;
- Arithmetica e geometria elementar;
- Princípios elementares das sciencias physicas e naturaes em suas aplicações aos usos da vida, á agricultura, á hygiene e ás artes industriaes;
- Systema legal de pessoas e medidas;
- Noções de enonomia social (para os meninos) e de economia doméstica (para as meninas);
- Desenho linear;
- Noções de música e exercícios de canto;
- Gymnastica;
- Nas escolas do sexo feminino: Bordados e trabalhos de agulhas.

Fonte: A Instrução Pública (1887, p. 35 *apud* Vasconcelos, 2005, p. 167).

Como se vê, o ensino das ciências naturais se faz presentes na grade curricular das escolas brasileiras, juntamente com o ensino de matemática, história etc. Vê-se também áreas específicas para o público masculino e feminino, o que expõe as diferentes visões acerca dos gêneros na época. Ao final deste trabalho, no apêndice, será possível observar que a Livraria Comercial possuía em seu acervo títulos relacionados a essas áreas, atestando que o ambiente escolar do século XIX não apenas incentivou a leitura como um ato individual, mas também a concebeu como uma prática social, moldando o comportamento de uma geração e contribuindo para a construção de uma identidade nacional.

Esse processo educativo não se restringiu ao espaço das salas de aula, mas reverberou por toda a sociedade, criando um contexto em que a leitura passou a ser valorizada como uma habilidade essencial para a participação cívica e o progresso social. À medida que a leitura se disseminava, especialmente nas camadas

emergentes da sociedade, o acesso ao conhecimento e à cultura tornou-se essencial para a formação de cidadãos engajados e críticos.

Nesse cenário, Sergipe não ficou à margem desse desenvolvimento. O estado vivenciou uma dinâmica própria de crescimento educacional e literário, refletindo as transformações que ocorriam em todo o Brasil. Assim, a análise da sociedade letrada em Sergipe no século XIX permitirá uma compreensão das especificidades locais dentro desse movimento nacional de valorização da educação e da leitura. O próximo capítulo visa explorar como essas interações se manifestaram na região, revelando a formação de uma cultura letrada e suas implicações sociais e culturais.

3.2 A sociedade letrada em Sergipe no século XIX

Como visto nos capítulos anteriores, o século XIX representou um período de transformações pungentes que levaram diferentes regiões do mundo a começarem conexões “por meio de comunicação que não tinham precedentes pela regularidade, pela capacidade de transportar vastas quantidades de mercadorias e números de pessoas [...], pela velocidade: a estrada de ferro, o navio a vapor, o telégrafo” (Hobsbawn, 2000, p. 84). Todos esses elementos, aliados aos avanços do capitalismo e à expansão mercadológica, mudaram a ordem social e abriram margem para amplificação e conexão da população com o mercado livreiro, pautando assim uma comunidade mais atenta às questões culturais e ideológicas.

Em Sergipe não foi diferente. Embora trilhasse um caminho mais estreito rumo ao florescimento intelectual, se comparado a outros estados, o menor estado brasileiro foi um dos primeiros a contar com um prelo oficial, conforme detalhado no site da Imprensa Oficial de Sergipe (2023):

> Partindo da necessidade de se publicar os atos oficiais do governo do Estado em jornal próprio, a Imprensa Oficial é criada em 1895. A 8ª província brasileira a possuir um jornal impresso foi o 9ª estado a ter o Diário Oficial, propondo em seu primeiro exemplar ser uma manifestação “isenta de interesses particulares, a serviço do Estado e para o bem do povo.

Sergipe, como as outras províncias que possuíam prelos, não podia publicar livremente, pois estava sob vigilância da censura real. Entretanto, no

oitocentos, é possível “encontrar um número significativo de autores sergipanos comprometidos com a memória e o discurso de alguns jornais e revistas” (Araujo; Santana; Santos, 2020, p.105).

Essa realidade, porém, não era o bastante para a efetivação de um público leitor, pois nesse sentido Sergipe ainda carecia de muito trabalho. O acesso à educação era extremamente limitado no século XIX, “não ultrapassando as aulas de Primeiras Letras e de Gramática Latina” (Nunes, 1984, p. 33). O presente quadro tornou a publicação de impressos no estado limitada, pois não havia investimentos, restringindo o acesso do que circulava a um público privilegiado. Público este predominantemente masculino, pois, conforme revela Nunes (1984, p.47), o patriarcalismo dominante colocava a mulher na reclusão de seu lar, temendo que ela escapasse do mandonismo tradicional.

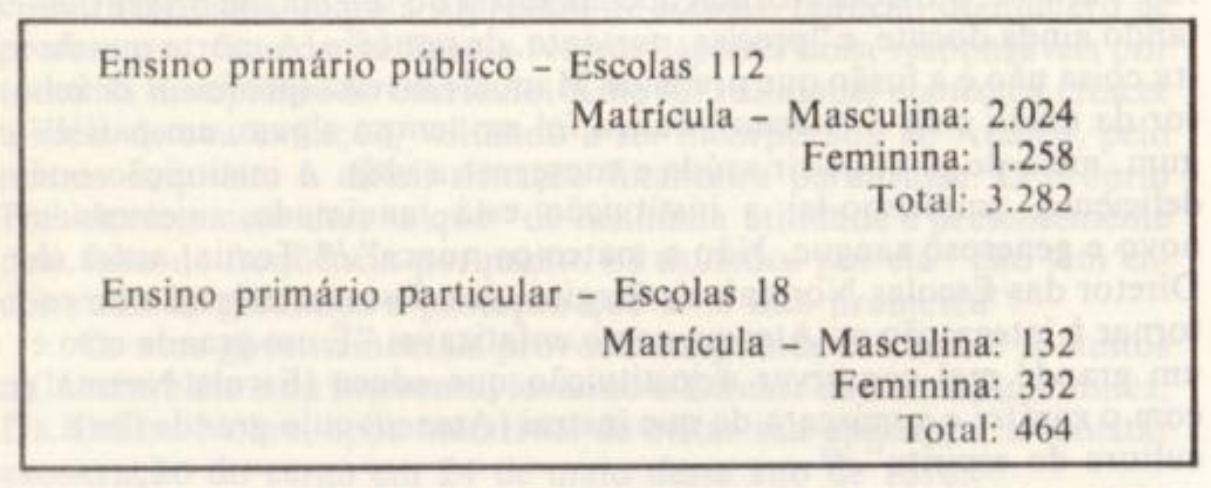
Acerca dessa conjuntura, Araújo, Santana e Santos (2020, p. 109) salientam que o analfabetismo atingiu o público feminino em um grau muito superior ao masculino, demonstrando que os impressos do período não eram destinados às mulheres, além de não serem considerados apropriados para elas, visto que o conteúdo político muitas vezes trazia textos com um vocabulário chulo.

Foi a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju que proporcionou êxito econômico para Sergipe e estimulou a cultura, principalmente por meio da imprensa, com a criação de vários jornais. Por volta de 1850, “a literatura sergipana afirmou-se com o eclodir do Romantismo” (Nunes, 1984, p. 87) e, conforme as inspirações dessa corrente literária, os intelectuais sergipanos passaram a estranhar os autores alheios à gente e à terra natal.

Esse momento representa um indescritível marco na história cultural sergipana, pois deu luz a tudo que engloba o patrimônio cultural do estado. Nesse período, a Biblioteca Pública e o Gabinete Literário de Laranjeiras eram os principais ambientes de trocas intelectuais. Nessa perspectiva, a vida urbana começou a ser valorizada e junto dela o progresso em relação à educação.

Em 1870, a economia sergipana apresentava-se estabilizada devido à produção açucareira e à exportação de algodão. Além disso, os centros urbanos estavam abertos às inovações propagadas pelos ideais republicanos. Esse período de otimismo refletiu-se também na educação, como pode ser visto no quadro abaixo:

Figura 1 - Número de escolas em Sergipe em 1870



Fonte: Nunes (1984, p. 136).

É na última década dos oitocentos, com o advento do regime republicano, que a educação brasileira e, por conseguinte, a sergipana sofre uma reestruturação que abrangeria todos os graus de instrução, buscando proporcionar aos jovens, conforme relata Benjamim Constant (*apud* Nunes, 1984, p. 174), “a instrução [...] necessária e suficiente, assim para a matrícula nos cursos superiores da República, como em geral para o bom desempenho do cidadão na vida social". A educação de Sergipe reflete a educação nacional, ao encarar o progresso nos estudos como progresso social, tal qual foi comentado nos capítulos anteriores.

O resultado desse quadro, foi o surgimento de inúmeras instituições que, paralelamente às práticas educativas, estimularam o desenvolvimento cultural. Dantas (2022) corrobora com essa realidade ao explanar que:

> No interior do Estado, nasceram alguns centros culturais, dos quais os mais citados são o Gabinete de Leitura de Maruim, o Gabinete de Leitura de Riachuelo, a Casa do Livro de Capela, Gabinete de Leitura Tobias Barreto. Propriá, Boquim, Laranjeiras, Estância e Frei Paulo também dispunham de entidades culturais.103 Na capital temos registros de: Clube Literário 24 de Julho (1898), a Liga Sergipense contra o Analfabetismo (1916), Centro Pedagógico Sergipano (1918), Grêmio Tomaz Cruz (1918), Hora Literária Santo Antônio (1919), Sociedade Ensaios Literários e Horas Literárias Sílvio Romero, Tobias Barreto, Fausto Cardoso e Gumercindo Bessa, o Clube Literário Tobias Barreto e a Academia Sergipana de Letras (1929), que teria sido um desdobramento da Hora Literária de Aracaju, nascida em 1919.104 Alguns desses grupos tiveram vida e atuação efêmeras, mas outros foram congregando intelectuais, estimulando debates, produções e contribuindo para o desenvolvimento cultural do Estado. Um dos maiores exemplos foi a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (Dantas, 1912, p. 74).

É nesse contexto de iluminação da consciência que as livrarias e tipografias começam a ganhar impulso na capital Aracaju, aquecendo o mercado livreiro. Entre os espaços incentivadores da cultura na história editorial de Sergipe está a Livraria Regina, que também funcionava como tipografia, e que no final dos anos de 1940 era o “local de encontro da intelectualidade sergipana. Ali compareciam religiosamente, todas as tardes, filósofos, ensaístas, poetas, historiadores [...]” (Melins, 2007, p. 39).

Nascida em 1918, sob a direção do itabaianense Agripino Leite, a história da Livraria Regina é dividida em dois momentos. No primeiro, conforme expõe Santos (2004, p. 2092), o comércio nasceu como livraria e tipografia e só depois se consolidou como livraria. No segundo momento, após a morte de Agripino Leite, em 1939, a livraria, gerenciada por José Apóstolo de Oliveira Neto, tomou proporções inimagináveis para o seu fundador, transformando-se em “uma grande gráfica-editora e um instigante ponto de encontro cultural” (Santos, 2004, p. 295).

O grande sucesso da Livraria Regina se deve ao fato de ter ultrapassado as barreiras da pura comercialização material e ter se unido ao movimento cultural crescente na capital sergipana. Sobre esta realidade, Santos (2004, p. 297) afirma que:

> Aliada à criação de um meio propício à produção literária – com a Academia Sergipana de Letras, e acadêmica – com o surgimento das faculdades de Direito e Filosofia, o fato de existir em Aracaju um espaço qualificado para a composição, impressão e publicação dessa produção escrita, corroborou para que surgisse certo diálogo intelectual, aliado ao movimento editorial na capital.

A Livraria Regina foi a protagonista da atividade editorial de Sergipe entre os séculos XIX e XX, contribuindo para o crescimento cultural e memória leitora dessa época. A empresa encerrou suas atividades em 1976, com a morte do seu ativo administrador José Apóstolo de Oliveira Neto.

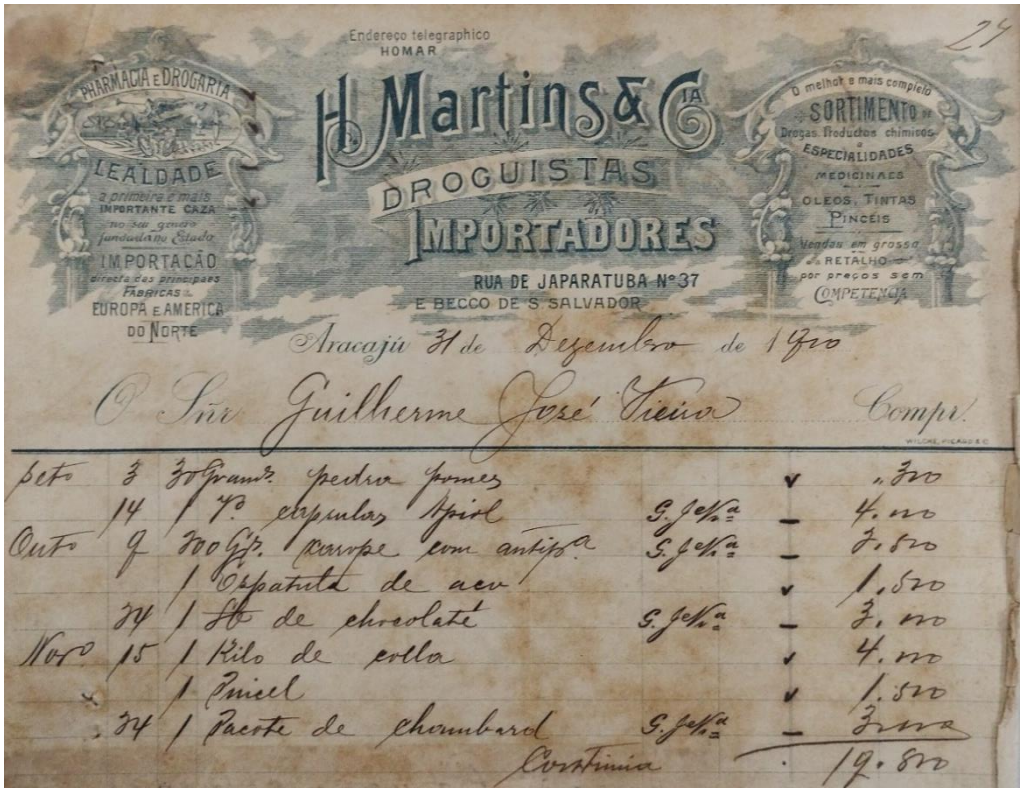
Apesar de ser a casa editorial de maior êxito em Aracaju, a Regina possuía concorrentes. Na rua de Japaratuba (hoje João Pessoa), existiam também a Gráfica Editora, a Livraria Monteiro e a Livraria Comercial, ponto de partida deste projeto, que será apresentada no capítulo seguinte.

4 LIVRARIA COMERCIAL: A HISTÓRIA NUNCA CONTADA

Desvendar rastros, rotas esquecidas ou até mesmo nunca conhecidas não é uma tarefa fácil. A reconstituição de uma trajetória abre margem para diversas perguntas, muitas vezes não solucionadas, porque a resposta foi levada pelo tempo, seja pela perda de um arquivo, seja pelo apagamento de registros etc. É partindo dessa explanação que essa história começa a ser contada. Como foi dito anteriormente, no século XIX, Sergipe passou por um período de efervescência cultural, que possibilitou o surgimento de estabelecimentos voltados à difusão do conhecimento e a Livraria Comercial se insere nesse cenário.

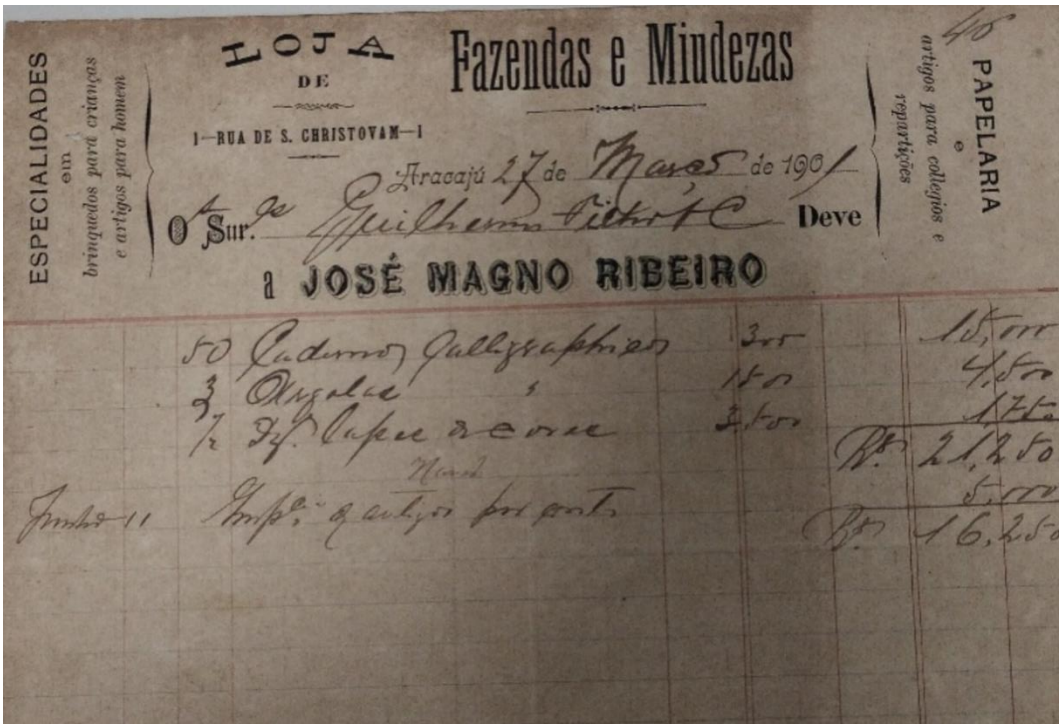
Localizada na Rua Japaratuba (atualmente Rua João Pessoa), a Livraria Comercial, como grande parte dos comércios da época, era uma empresa familiar. Após o falecimento de Guilherme José Vieira (pai), o negócio foi herdado por sua esposa, Dona Carlota Roza do Amor Divino, e seus filhos. No entanto, a gestão legal da viúva e dos negócios ficou a cargo de seu filho Guilherme José Vieira Filho. Esse fato é documentado no inventário de Guilherme José Vieira (pai) (doc. 10 da caixa 2335), sob a custódia do Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe, bem como em diversas correspondências e notas emitidas de fornecedores a Guilherme José Vieira Filho.

Figura 2 - Nota da H Martins & Cia



Fonte: Acervo do autor (2024).

Figura 3 - Nota da Loja de Fazendas e Miudezas



Fonte: Acervo do autor (2024).

As informações encontradas no Jornal do Aracaju em 2 de julho de 1874 e no Jornal Diário do Aracaju, em 8 de julho de 1885 (ambos alocados na Hemeroteca Digital presente no site da Biblioteca Nacional Digital) revelam que o negócio não nasceu como livraria, ou tipografia. Acredita-se que o estabelecimento iniciou seus serviços como um armazém de secos e molhados, que era comum na época, e foi restringindo seu nicho de acordo com a demanda mercadológica. Os anúncios abaixo mostram alguns dos itens comercializados pela Livraria Comercial ainda no tempo da administração de Guilherme José Vieira (pai).

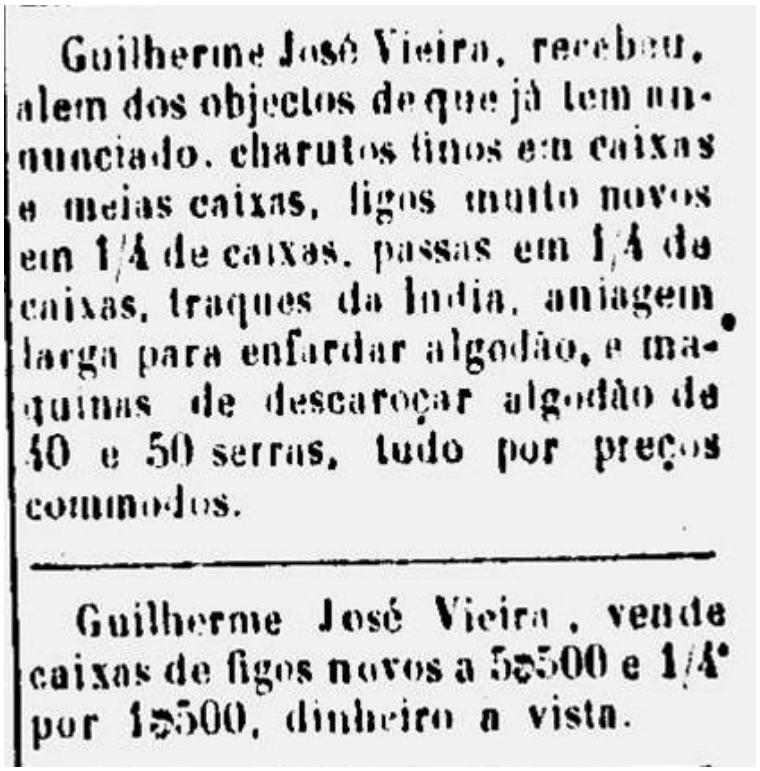
Figura 4 - Anúncio de Máquina de costura

Fonte: Jornal do Aracaju (1874).

Figura 5 - Anúncio de caixas de traque

Fonte: Jornal do Aracaju (1874).

Figura 6 - Anúncio de Charutos e Figos



Guilherme José Vieira, recebeu, alem dos objectos de que já tem annunciado, charutos finos em caixas e meias caixas, figos muito novos em 1/4 de caixas, passas em 1/4 de caixas, traques da India, aniagem larga para enfardar algodão, e maquinas de descaroçar algodão de 40 e 50 serras, tudo por preços commodos.

Guilherme José Vieira, vende caixas de figos novos a 5$500 e 1/4 por 1$500, dinheiro a vista.

Fonte: Jornal do Aracaju (1885).

Figura 7 - Anúncio de Zíperes e Broches

ZEPHIRS BROCHÉS

Lindo e esplendido sortimento, preço 900 reis o covado vende

GUILHERME J. VIEIRA FILHO.

Merinós de côr

PARA VESTIDO

Por 1$000 cada covado, vende

Guilherme José Vieira Filho.

Fonte: Jornal do Aracaju (1885).

Figura 8 - Anúncio de Envelopes

ENVELOPES

GUILHERME JOSÉ VIEIRA FILHO vende envelopes para officina (branco e timbrado) por menos que outro qualquer.

Tem constantemente um variado sortimento de papel pequeno e envelopes proprios para cartas, cartões de visita, brancos e da plantaria, livros em branco, ditos para escripturação commercial, assim como tudo quanto se póde procurar para expediente de uma repartição publica, o que vende em condições vantajosas.

Fonte: Jornal do Aracaju (1885).

Figura 9 - Anúncio de Veludos e Seda

VELLUDOS

PARA VESTIDOS

De côr em preto, liso, bordado, e lavrado, sortimento lindo, encontra-se na loja de

GUILHERME J. VIEIRA FILHO

SEDAS AUTOMANAS

EM CORTES PARA VESTIDOS

Deslumbrante e lindissimo sortimento, tem a conhecida loja de

GUILHERME J. VIEIRA FILHO,

Fonte: Jornal do Aracaju (1885).

Figura 10 - Anúncio de chapéus

CHAPÉOS DE SOL

De seda inglesa, cabos modernos e de gosto, a $9000 vende

Guilherme José Vieira Filho.

PARA O INVERNO

Sortimento completo de galochas, acaba de receber a conhecida loja de

Guilherme José Vieira Filho.

Fonte: Jornal do Aracaju (1885).

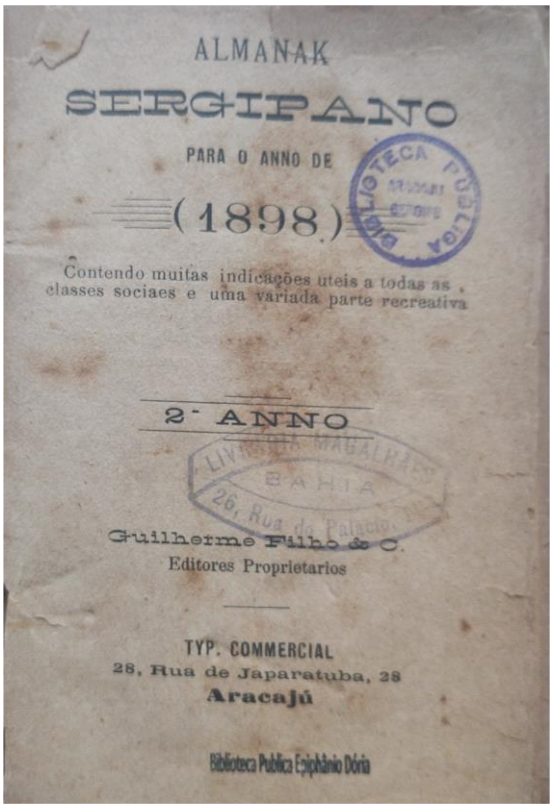
Figura 11 - Anúncio de Camisas

Fonte: Jornal do Aracaju (1885).

Não há registros precisos sobre o ano de fundação da Livraria Comercial, nem de quando houve a mudança do negócio para livraria, papelaria e tipografia. O principal documento que comprova sua atividade é um inventário datado de 1901, contendo o balanço de créditos e débitos da empresa, além de uma lista dos produtos comercializados. Entretanto, a publicação da segunda edição do Almanak Sergipano, anuário muito popular que continha informações diversas, como dados estatísticos, crônicas e artigos culturais, datada de 1898, registra sua impressão pela Tipografia Comercial.

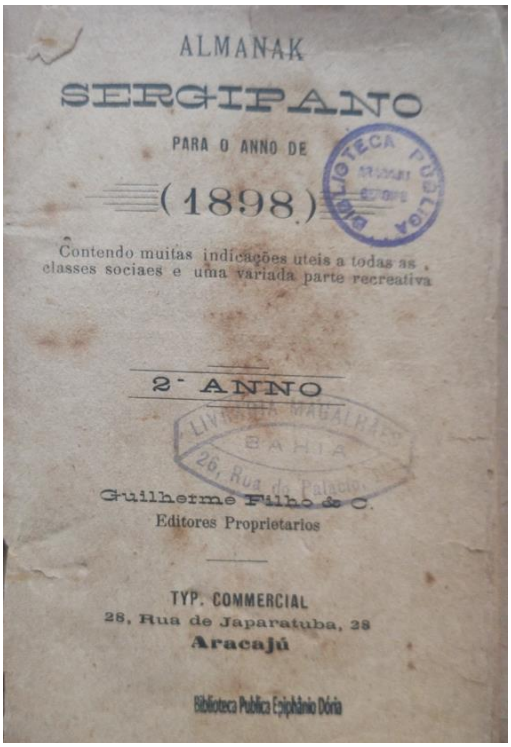
As 6ª e 8ª edições do almanaque, 1902 e 1904, respectivamente, também foram editadas pela tipografia, dando pistas de que ela atuou entre o final do século XIX e início do século XX. No entanto, a partir da edição de 1902, a Tipografia Comercial aparece sob outra administração: pertencente a Elias do Rosário Montalvão, criador da obra *Meu Sergipe: Ensino da História e Chorographia de Sergipe* (1916).

Imagem 1 - Almanak Sergipano 1898



Fonte: Acervo do autor (2024).

Imagem 2 - Almanak Sergipano 1898

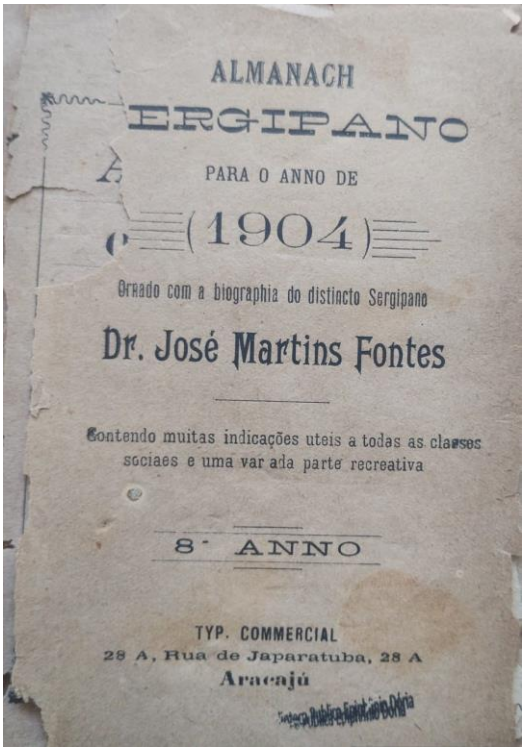


Fonte: Acervo do autor (2024).

Imagem 3 - Almanak Sergipano 1902

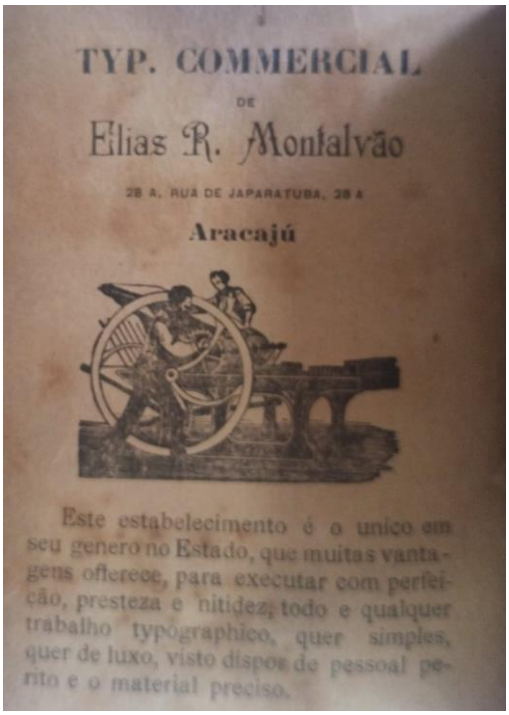
Fonte: Acervo do autor (2024).

Imagem 4 - Almanak Sergipano 1904



Fonte: Acervo do autor (2024).

Imagem 5 - Anúncio de Elias Montalvão



Fonte: Acervo do autor (2024).

Santos (2004, p. 293) destaca que a Livraria Comercial era “a que mais se destacava nas vendas ao Governo”, informação corroborada pela lista de credores encontrada no inventário, que inclui clientes ilustres e instituições importantes, como a Junta Comercial, a Loja Cotinguiba, o Padre Montalvão, a Agência Fiscal de Japaratuba e o intelectual José Calasans.

Durante sua atuação enquanto livraria, papelaria e tipografia, a Livraria Comercial mostrava-se bem completa em relação aos serviços prestados, executando trabalhos simples e de luxo, como encadernações, materiais para repartições públicas e particulares, além de produção e publicação de uma variedade de livros, tal como revela o inventário que será explanado no próximo capítulo. Isso evidencia que explorar essa fonte documental vai além de comprovar a existência da instituição, configurando-se como uma forma de entender as questões sociais e culturais que regiam o Brasil no período oitocentista.

Imagem 6 - Produtos da Livraria Comercial

Fonte: Acervo do autor (2024).

Imagem 7 - Variedades da Livraria Comercial

Fonte: Acervo do autor (2024).

4.1 O inventário da livraria comercial

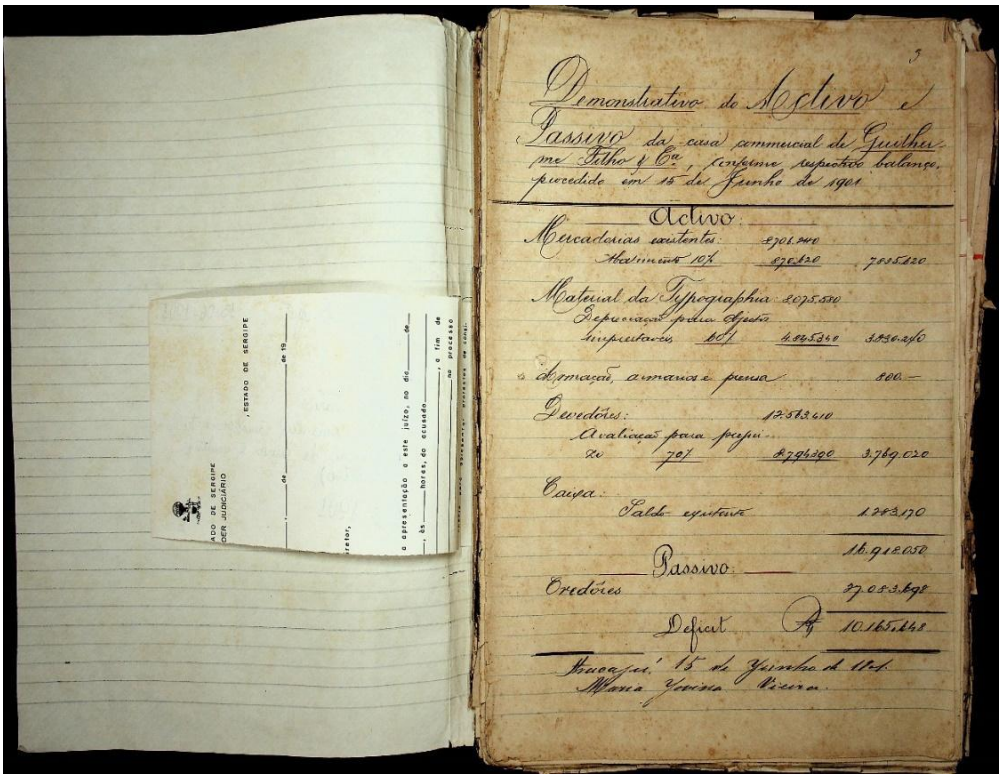
Sob a referência AJU/C. 2° OF. – Inventário Cx. 33/2340, está catalogada a coleção de materiais comercializados pela Livraria Comercial Guilherme Filho. O documento, datado de 15 de junho de 1901, está sob a custódia do Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe. Apesar do inventário pertencer ao século XX, o presente trabalho considera que os livros presentes nele circularam pela sociedade sergipana no final do século XIX já que esse documento registra o que existia no estabelecimento antes da data inventariada.

Mesmo após 122 anos, o inventário mantém-se em bom estado de conservação, protegido por uma folha de guarda de papel pautado e envolto em uma pacotilha de papel kraft. Apesar dessa proteção, o documento exibe vestígios do passar do tempo, como o amarelecimento acentuado das folhas e extremidades ressecadas e quebradiças. O documento configura-se como um processo extenso, portanto com diversas folhas, costuradas à maneira de um livro, embora sem encadernação. A ação dos bibliófagos ao longo do tempo deixou marcas evidentes, especialmente na área da costura, causando rasgos e perfurações na parte central do documento e resultando no desprendimento de algumas folhas.

O papel pautado utilizado no inventário possui uma gramatura intermediária, sendo mais firme que o de 70mg. Os fólios apresentam marcações em vermelho, expondo uma tabela que relaciona quantidades e materiais. A tinta empregada na escrita não sofreu oxidação, permanecendo preta ao longo do tempo e sem sinais de manchas ou borrões.

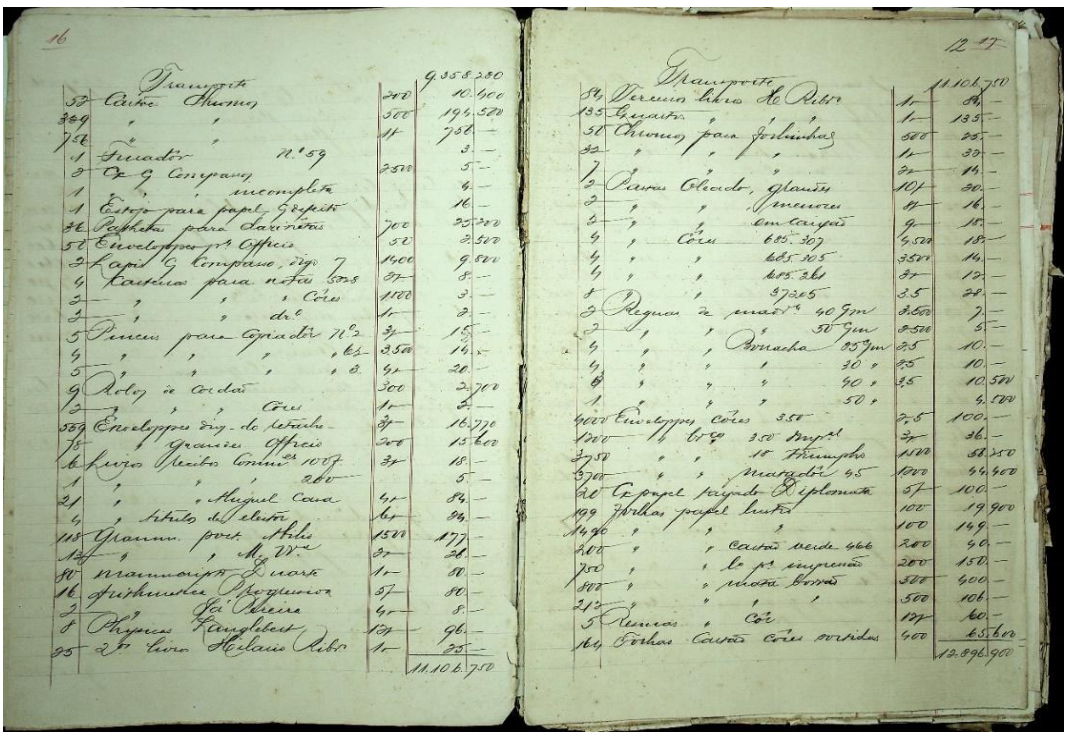
Além do inventário principal, o inventário inclui notas fiscais e recibos, que detalham as transações de compra e venda dos materiais. Cabe destacar que a Livraria Comercial não se restringia à comercialização de livros, abrangendo também a venda de materiais de escritório e escolares. Como é característico de inventários desse tipo, o documento oferece uma descrição minuciosa dos ativos e passivos da livraria, além de apontar eventuais déficits nas operações comerciais.

Imagem 8 - Página inicial do Inventário da Livraria Comercial



Fonte: Acervo do autor (2024).

Imagem 9 - Fólios do Inventário



Fonte: Acervo do autor (2024).

No que tange aos materiais listados, observou-se que estão organizados da seguinte forma:

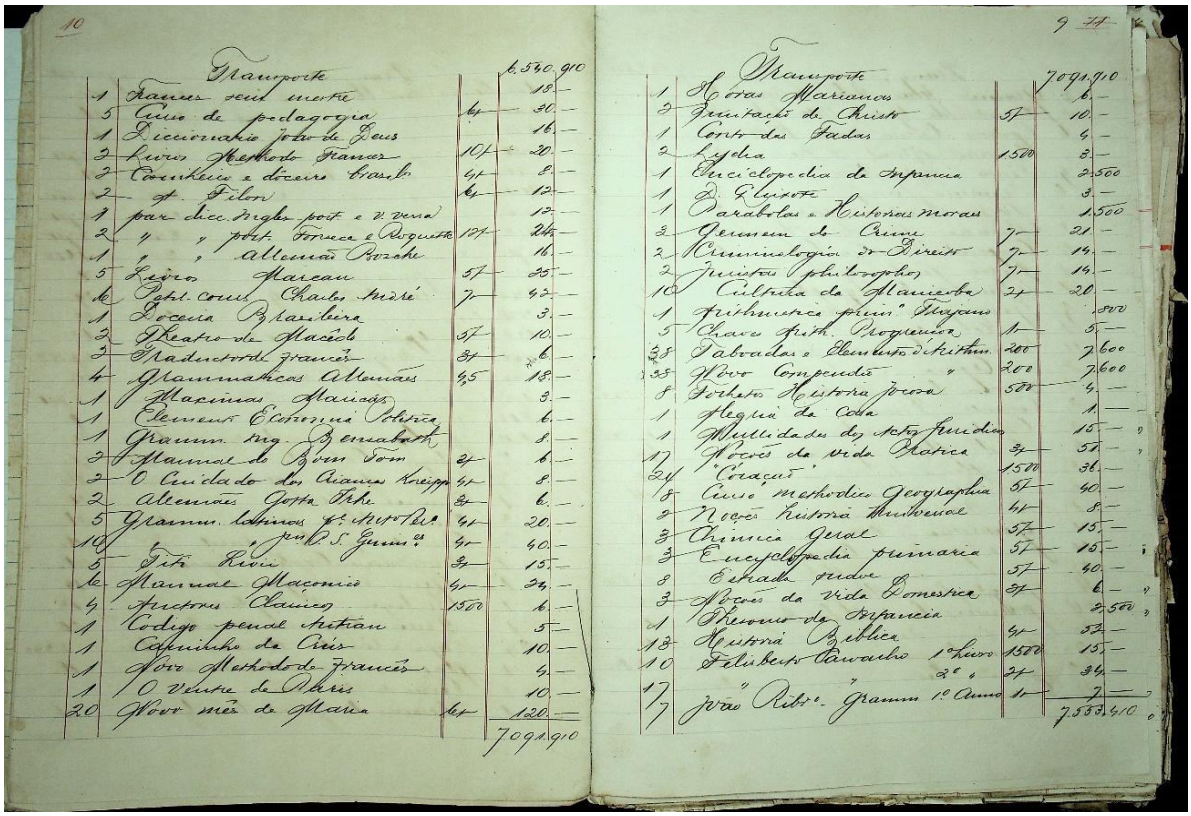
Quadro 2 – Materiais listados

Quantidade do material	Nome do material	Valor unitário	Valor total (soma de todos os materiais do mesmo tipo)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Ao final de cada página, há a soma total do quantitativo dos materiais listados. As obras existentes na livraria revelam um acervo variado. Livros escolares, romances, livros de áreas específicas, tais como Direito e Medicina, obras ligadas à religião e à maçonaria, manuais de línguas estrangeiras, livros infantis, além de obras relacionadas ao comportamento social compunham o conjunto de títulos. A lista com as obras se encontra anexada ao final deste trabalho.

Imagem 10 - Fólios com livros listados no inventário



Fonte: Acervo do autor (2024).

A próxima sessão explanará algumas obras listadas no catálogo da Livraria Comercial, aliando as temáticas retratadas à vida prática da sociedade sergipana e, por conseguinte a brasileira.

5 O QUE SE LIA EM SERGIPE NO SÉCULO XIX?

"No século XIX os livros não eram vendidos apenas em livrarias, assim como as livrarias não vendiam apenas livros" (Silva, 2011, p.33). Essa afirmação é validada pela própria atividade da Livraria Comercial, que atuou fortemente no mercado cultural de Aracaju, fornecendo insumos de papelaria, realizando trabalhos tipográficos, produzindo e, principalmente, vendendo livros.

Os 163 títulos listados no inventário marcam o pensamento de uma época. Não se pode afirmar com precisão que todas as obras possuíam a mesma relevância no período de circulação, visto que os dados do inventário são estáticos e abre brechas, conforme argumenta Silva (2011, p. 27), para questões do tipo: "aqueles [...] títulos estavam ali porque tinham muita demanda ou haviam sido desprezados pelos leitores?". Todavia as explanações feitas nos capítulos anteriores, aliada ao currículo escolar da época revela que a maior parte das obras citadas no inventário da Livraria Comercial estão em conformidade com as vertentes livreiras que circulavam no século XIX.

Andrade e Brito Filho (2012, p. 36) revelam que "as ruas João Pessoa e Laranjeiras receberam diversas pessoas no decorrer das décadas, dentre elas: intelectuais, médicos, escritores e músicos, pessoas que pensaram, tiveram ideias, filosofia e religião". Esse corpo social aponta a multiplicidade dos títulos dos livros da Comercial. No final do século XIX, quem entrasse na livraria encararia um acervo que apresentava os seguintes gêneros: Literatura, Literatura de Comportamento, História e Geografia, Ciências Sociais e Políticas, Ciências Puras e Aplicadas, Conhecimentos Úteis, Línguas, Ensino Religioso, Livros de Ensino.

A maior parte das obras estão concentradas nas vertentes escolar e literária. Dentre os livros de ensino, encontram-se títulos de áreas variadas como: *Aritmética da Infância, Gramática Francisco Moura, Dicionário João de Deus, Noções de História Universal, História do Brasil, Gramática João Ribeiro, Ciências Naturais e Físicas e Geografia Sodré.* Na literatura, além de obras brasileiras como *O Uraguai*, de Basílio da Gama, e livros de poesias dos autores Casimiro de Abreu, Castro Alves e Gonçalves Dias, o destaque vai para as coleções. Toledo (2010, p. 139) caracteriza as coleções de livros como uma modalidade específica de impresso que carrega uma

dupla estratégia: a intervenção editorial que reorganiza os textos para ampliar o alcance destes e a intervenção cultural que seleciona textos e autores específicos para influenciar a formação do leitor ao qual se destina a coleção.

Existem quatro coleções listadas no inventário, a saber: *Romances Coleção Moderna (57); Romances Coleção Econômica (3), Romances Coleção Pereira (2)* e *Romances Coleção Pimentões (1).* A Coleção Econômica era fruto de uma associação entre as casas editoriais Laemmert e AM Pereira, livraria portuguesa. Sobre o seu título, Catharina (2019, p. 90) explana:

> A Coleção Econômica faria parte, então, desse maior investimento na literatura de grande alcance, num nicho seguro de romances e novelas em geral conhecidos pelos leitores, pois a maioria, se não a totalidade dos textos propostos, já tinha sido publicada em forma de folhetim em diversos jornais do País.

O mesmo autor ainda cita que essa coleção contou com 29 volumes, publicados entre 1872 e 1887, conforme apresentado na tabela abaixo:

Figura 12 - Volumes da Coleção Econômica Laemmert

Volumes da Coleção Econômica Laemmert	Autores - Nacionalidade	Data da 1ª edição
1° *As Aventuras de Tartarin de Tarascon*, seguidas de *Tartarin no Alpes*	Alphonse Daudet (francesa)	1872 1885
2° *Pedro e João*	Guy de Maupassant (francesa)	1887–88
3° *Sergio Panine*	Georges Ohnet (francesa)	1881
4° *O sonho*	Émile Zola (francesa)	1888
5° *Soror Philomena*	Jules e Edmond de Goncourt (francesa)	1861
6° *O médico assassino*	Octave Féré (francesa)	1871/72
7° *Os milhões vergonhosos*	Hector Malot (francesa)	1882
8° *O amigo Fritz*	Erckmann-Chatrian (francesa)	1864
9° *Vogando*, Guy de Maupassant *Senhor Parente*	Guy de Maupassant (francesa)	1888 1885
10° *Um romance de mulher*	Pierre Maël (francesa)	1895
11° *Vontade*	Georges Ohnet (francesa)	1888
12° *O Nababo*	Alphonse Daudet (francesa)	1877
13° *Um coração de mulher*	Paul Bourget (francesa)	1890
14° *Beatriz*	Rider Haggard (inglesa)	1890
15° *O crime*	Gabriele D'Annunzio (italiana)	1892
16° *Lise Fleuron*	Georges Ohnet (francesa)	1884
17° *Os dois rivais*	Armand Lapointe (francesa)	1878
18° *O último amor*	Georges Ohnet (francesa)	1889
19° *Um Búlgaro*	Ivan Tourgueniev (russa)	1860
20° *Memórias de um suicida*	Maxime Du Camp (francesa)	1853
21° *Forte como a morte*	Guy de Maupassant (francesa)	1889
22° *A alma de Pedro* *A condessa demônio / Traste inútil*	Georges Ohnet (francesa) Jean Richepin (francesa)	1890 1892
23° *Camila*	Guérin-Ginisty (francesa)	1883
24° *Traída*	Maxime Paz (francesa)	[1890]
25° *Sua majestade o amor*	Adolphe Belot (francesa)	1885
26° *Magdalena Férat*	Émile Zola (francesa)	1868
27° *Os reis no exílio*	Alphonse Daudet (francesa)	1878
28° *Dívida de ódio*	Georges Ohnet (francesa)	1891
29° *Mentiras*	Paul Bourget (francesa)	1887

Fonte: Catharina (2019, p. 102).

A valorização de títulos internacionais, principalmente os franceses, deve-se ao fato do editor da Livraria Pereira, Antônio Maria Pereira (pai), ser “atento ao gosto globalizado do seu público” (Catharina, 2019, p. 91). Em contrapartida, a *Coleção Pereira*, criada pela AM Pereira, “promovia a literatura portuguesa” (Pereira, 1998, p. 76). Como essa coleção já havia sido editada por Antônio Maria Pereira (filho) e a empresa já tinha se consolidado como uma das maiores livrarias e editoras de Portugal, acredita-se que esse status tenha influenciado a mudança de concepção.

Um outro livro que se destacou no período e estava no acervo da Livraria Comercial era *Coração*, do autor Edmundo de Amicis. Essa obra literária é tida como “um notável livro de educação moral e cívica – obra-prima dos livros de leitura” (Bastos, 2016, p. 259), e foi amplamente adotada como livro de leitura das escolas brasileiras.

A literatura de comportamento é representada pelas obras *O Bom Homem Ricardo, Noções da Vida Doméstica* (ambos citados no item 2.1), além do *Dicionário das Flores* e do *Manual do Bom Tom*. O *Dicionário das Flores* é uma versão de *Le Langage des Fleurs,* da escritora francesa Madame Charlotte de La Tour. Nessa obra, a cada flor era atribuída um significado, uma simbologia, e esse código permeava a linguagem velada de cortejo entre os jovens da época.

No Brasil, tanto a editora Garnier quanto a Laemmert foram responsáveis pela edição, mas o inventário não traz a especificação da casa editorial. Embora trouxessem particularidade, cada edição apresentava-se unânime quanto aos tipos de plantas elencadas e sua significação, fazendo com que “o modo de segurar a flor, a presença, ou não, de espinhos e folhas contribuíssem no conteúdo da mensagem transmitida” (El Far, 2014, p. 80).

Em relação ao *Manual do Bom Tom,* a pesquisa não alcançou nenhuma obra com este título. Não se sabe, portanto, se foi algum erro na grafia ou realmente existiu. O fato é que no século XIX era muito comum livros que abordassem a temática do bom-viver, trazendo as mais variadas normas de conduta nas interações sociais.

Para além do ensino e da literatura, livros com temáticas “úteis ou profissionais” também circulavam nos oitocentos, já que a sociedade também buscava “cientificidade e profissionalização” (Silva, 2011, p. 112). Assim, obras como *Cozinha e Doceiro Brasileiro, Doceria Brasileira, Manual do Saboeiro, Cuicinas Quebra Louça*

e Trabalho Manual representam a busca pelos conhecimentos úteis, enquanto *Acessor Forense, Clinica Geral, Vade-Mecum, Curso de Pedagogia, Código Penal* e *Manual Prático de Medicina Veterinária* ilustram títulos voltados para os conhecimentos profissionalizantes.

Ao considerar que a prática da leitura no Sergipe oitocentista ainda estava em expansão e contava com um público limitado, aliada a ideia de que a Livraria Comercial teve uma parceria expressiva com o governo do estado e de que um grande volume dos livros registrados era explorado no âmbito escolar da época, pode-se depreender que a maior parte das obras registradas era destinada ao público acadêmico da época.

Analisar o perfil das obras elencadas no inventário fornece também uma perspectiva acerca da sociedade leitora da época. A partir delas, infere-se que, no século XIX, a educação era fonte de moralidade e promotora de ascensão, mas junto desse espírito inovador, o aprendizado e a manutenção das boas práticas, dos modos de bem-viver e dos conhecimentos úteis eram indispensáveis na formação cidadã, corroborando com toda a discussão que vinha sendo estabelecida ao longo dos capítulos anteriores.

O capítulo a seguir consolida essa construção ao estabelecer as relações entre livro, leitor e sociedade a partir da Ciência da Informação (CI).

6 CONVERGÊNCIAS ENTRE LIVRO, LEITOR E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao longo dos séculos, o universo do livro e da leitura passou por inúmeras transformações, refletindo a complexidade da troca de informações como uma prática essencial às sociedades, mesmo antes da existência de uma ciência formal dedicada ao tema. Desde os tempos mais remotos, a circulação de informações e a aquisição de conhecimento desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento social. Com o advento da Ciência da Informação e de seus métodos, esses processos foram aprimorados, adaptando-se às demandas e desafios da contemporaneidade.

Nesse contexto, surge a questão: o que conecta livro, leitura e CI? Há uma multiplicidade de fatores nos quais essas três dimensões convergem, tanto no aspecto material quanto no social. Para a CI, o livro é uma fonte informacional central, que historicamente desempenha um papel extremamente importante na sociedade da informação e do conhecimento. Elementos como os suportes utilizados, a tinta, marcas d'água, o tipo de papel e as técnicas de impressão, além de serem características de uma época, refletem o contexto em que as informações foram geradas e disseminadas.

Esse conjunto de informações que constitui o livro o coloca como um documento, conforme a definição da NBR 6023 (ABNT, 2018, p. 2), que afirma:

> Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova, incluindo impressos, manuscritos e registros audiovisuais, sonoros, magnéticos e eletrônicos, entre outros.

Além disso, os processos de publicação e circulação são essenciais para compreender o contexto de uma determinada sociedade. Como aponta Darnton (1995), o livro é um produto da cultura, resultado da interação entre produtores (autores, impressores, livreiros) e o público, cada qual com seus próprios interesses e perspectivas. A análise dessa interação permite reconstruir espaços, identidades e memórias, enriquecendo a compreensão do papel do livro ao longo da história.

Para além do livro, a leitura é uma atividade amplamente relacionada ao campo da Ciência da Informação, pois representa um ato direto de acesso à

informação e uma etapa essencial no processo de aquisição do conhecimento. Nesse sentido, Dumont (2020, p.22) destaca que:

> [...] o objetivo precípuo dos estudos sobre leitura na Ciência da Informação é contemplar o fenômeno da introjeção do conhecimento pelo leitor, com base em teorias que substanciam tal visão. Não somente entender o quê se lê, o porquê das leituras escolhidas, ou o porquê do gosto por alguma leitura em particular, mas, principalmente, identificar e compreender os fatores que circunscrevem tal fenômeno e proporcionam a apropriação da informação.

É na análise do leitor que a Ciência da Informação e as práticas de leitura convergem. Compreender as vivências, motivações e os significados que emergem da interação com o texto é o cerne dessa conexão. Depreende-se desse contexto a noção de apropriação da informação, conceito central para a CI.

Segundo Chartier (2001, p. 180), durante o processo de leitura, o leitor interioriza representações, classificações e apreciações, que mais tarde se manifestam em práticas e em contextos populares. Ou seja, a leitura possibilita ao leitor acessar e reter informações que podem ser evocadas em situações futuras.

A interação entre leitor e texto ocorre por meio de lacunas e projeções. As situações retratadas na obra nem sempre refletem a realidade do leitor, mas é justamente a leitura que possibilita essa aproximação e a vivência dessas experiências. Diante desse hiato, há um confronto de significados e bagagens que proporciona novas formas de pensar sobre o vivido e a extração de novos saberes.

Assim, pode-se afirmar que o texto não é algo fechado em si mesmo, mas se torna múltiplo e infinito, pois cada leitor dialoga com ele de maneira única. De acordo com Jauss (1979 *apud* Dumont, 2020, p. 30), “apenas quando o leitor faz suas interpretações, através de um diálogo em que se funde o ‘horizonte de expectativas’ do leitor com um passado, mediatizados pelo repertório cultural de cada leitor”.

Para compreender plenamente o leitor, é essencial considerar três elementos fundamentais que compõem o sujeito e definem sua relação com o texto: contexto, sentido e motivação. Esses aspectos formam a base para a apropriação de informações e a consolidação do conhecimento, estando intrinsecamente ligados ao processo de leitura pelo sujeito-leitor.

Lígia Dumont (2020, p. 33), em sua tese, identifica essas características essenciais e discorre sobre o contexto:

> O conceito de contexto tem a noção mais abrangente dentre os três. Não se trata de estudar as leituras realmente praticadas de uma obra ou de outra, em determinada época ou em outra. Trata-se de examinar como um texto, seja lá em que suporte estiver, se expõe, explicitamente ou não, à leitura ou às leituras que são feitas e podem ser feitas; em outras palavras, como se permite, ou restringe, a liberdade de leitura. A compreensão de um texto, a ser efetivada pela leitura crítica, enreda-se na percepção das relações entre o texto e o contexto.

Em relação à motivação, a autora revela que, “quando um leitor decide ler, essa ação é motivada por algum desejo, definido em metas que ele espera ver alcançadas através da interação com o texto” (Dumont, 2020, p. 38). Assim, refletir sobre a motivação é investigar o que leva alguém a ler. Qual desejo impulsiona o leitor a investir tempo e esforço nesse empreendimento?

Por fim, Dumont (2020, p. 42; 46) também aborda a questão do sentido:

> A apropriação do texto pelo leitor implica a produção de sentido, no qual se imprime a singularidade da leitura baseada na experiência individual de cada leitor. Leitura é construção de sentidos, de significados. [...] O sentido não precede o texto, não está nele depositado nem é uma proposição pronta, acabada. É no texto sim, mas através do ato da leitura, que se produzem os sentidos. Em outras palavras, o sentido é um valor e o texto é um pretexto, um potencial de sentido para leitura que põe em jogo dois textos, sendo o sentido aquilo que está em jogo em ambos. A leitura é essencialmente uma avaliação, uma interpretação de um texto em relação a outro: uma transação, concluem os autores.

Em síntese, o pensamento da autora pode ser apresentado da seguinte maneira:

Quadro 3 - Características-base do leitor no processo de leitura

Característica	**Definição**
Contexto	Refere-se aos tipos de leituras que podem ser feitas sobre determinada obra. Qual interpretação é permitida extrair de um texto. Nesse processo, o elemento coletividade está implícito no sujeito-leitor já que este é fruto de valores e comportamentos sociais.
Motivação	Refere-se às vontades e desejos que levam o leitor ao processo de leitura. Essas necessidades podem ser de cunho individual (curiosidade, afeição etc.) e/ou coletivo (status, aprovação etc.).
Sentido	Refere-se ao confronto entre a realidade do leitor e a obra. Como essas realidades interagem a ponto de produzir significações e estimular a proximidade, proporcionando novos saberes e reelaborando o que já é conhecido.

Fonte: Adaptado de Dumont (2020, p. 38-46).

A leitura revela-se um processo paradoxal, unindo o coletivo e o individual; um diálogo silencioso que conecta o passado ao presente. Mais do que isso, é uma experiência atemporal, proporcionando ao leitor novas descobertas a cada momento da vida. Nesse contexto, torna-se evidente a importância de explorar a história da leitura em Sergipe à luz da Ciência da Informação, pois é por meio dessa prática que a informação se torna presente e o conhecimento se consolida. A interseção entre essas áreas do conhecimento pode assegurar o predomínio da veracidade científica e contribuir para a formação de uma sociedade mais autêntica.

Nesse contexto, é impossível desvincular a história da leitura em Sergipe da Ciência da Informação porque ambas se entrelaçam em sua essência: a leitura é o meio pelo qual a informação ganha forma, circula e se torna acessível, enquanto a CI organiza e potencializa esse fluxo. A convergência entre essas áreas não só enriquece a produção e o acesso ao conhecimento, como também desempenha um papel fundamental na formação de uma sociedade mais crítica e consciente, onde a informação é a base para decisões éticas e transformadoras.

7 METODOLOGIA

Antes de apresentar os métodos que nortearam esse estudo, salienta-se que o primeiro contato com o objeto explorado, o inventário da Livraria Comercial, ocorreu por meio do Grupo de Estudos Filológicos em Sergipe, GEFES, coordenado pela professora Renata Ferreira Costa Bonifácio que em suas explorações pelo Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe encontrou esse documento e compartilhou inicialmente como os membros do grupo e posteriormente o indicou como um objeto em potencial para exploração em um mestrado.

A partir da adoção dessa proposta, este estudo foi conduzido com uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa básica quanto à sua natureza e exploratória em relação aos objetivos propostos. Os procedimentos utilizados incluíram métodos bibliográficos e documentais.

A abordagem qualitativa, conforme Gil (2002, p.133), está intrinsecamente ligada aos dados coletados, envolvendo uma sequência de atividades que envolvem a categorização e interpretação dessas informações. Freire e Pattussi (2018, p. 109) complementam, destacando que o método qualitativo busca compreender a realidade através de conceitos, comportamentos, percepções e avaliações. No contexto desta pesquisa, esse método possibilitou a coleta de dados, como o histórico da Livraria Comercial e os títulos disponíveis no inventário.

A natureza básica do estudo permitiu a exploração do problema com o objetivo de “conhecer pela própria satisfação de conhecer” (Gil, 2002, p. 17), ou seja, expandir o conhecimento. Neste caso, a análise dos títulos revelou que a comercialização de livros em Sergipe seguia a mesma tipologia textual circulante em outras regiões do Brasil do século XIX, incluindo livros escolares, gramáticas francesas, livros de direito e medicina, bem como coleções populares e obras que valorizavam a moral.

O caráter exploratório da investigação garantiu uma maior familiaridade com o objeto de estudo, permitindo o aprimoramento de ideias e conceitos. Marconi e Lakatos (2003, p. 188) afirmam que a investigação exploratória possui três finalidades principais: “desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa

futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos". Nesse sentido, esta pesquisa levantou hipóteses sobre a predominância de certos tipos de leitura em detrimento de outros. Um exemplo claro disso foi a observação de que, após a gramática da Língua Portuguesa, a gramática francesa era a mais requisitada, reflexo da grande influência da cultura francesa no Brasil, e, consequentemente, em Sergipe durante o século XIX.

Por fim, quanto aos procedimentos, a pesquisa utilizou métodos bibliográfico e documental. O primeiro possibilitou uma exploração teórica do tema, por meio da literatura científica disponível em livros, teses e artigos. O segundo permitiu a análise de uma fonte primária, o inventário da Livraria Comercial, custodiado pelo Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe, sob a identificação AJU/C. 2° OF. – Inventário Cx. 33/2340. A partir desse documento, foram extraídos os dados essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

Abaixo, o quadro sintetiza o passo a passo metodológico da pesquisa:

Quadro 4 - Abordagens Metodológicas

Abordagem	**Procedimento**	**Resultado**
Qualitativa	Esquematização dos metadados.	Interpretação dos dados; Formulação de hipóteses.
Básica	Leitura científica base; Interpretação dos metadados.	Confronto entre a teoria e as hipóteses levantadas.
Bibliográfica	Leitura de artigos, teses e obras.	Fundamentação da pesquisa.
Documental	Acesso ao Inventário da Livraria Comercial	Extração dos dados referentes aos títulos, quantidades de obras, história da livraria.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

8 DIAGNÓSTICO

De acordo com o dicionário Priberam, o termo diagnóstico refere-se à “identificação da causa de um problema, estado ou condição, geralmente mediante análise de indícios ou sinais” (Dicionário Priberam, 2021). Aplicando esse conceito ao contexto institucional, entende-se que o diagnóstico como uma ferramenta essencial para identificar situações-problema dentro de uma organização. Esse processo facilita a formulação de intervenções que visem corrigir limitações e promover melhorias significativas.

Vasconcellos Filho (1978) reforça essa perspectiva ao afirmar que o diagnóstico é utilizado para definir a direção estratégica da instituição, ajudando na descoberta de objetivos válidos e não-subjetivos. Com base nesse entendimento, este diagnóstico se debruçou sobre as principais áreas que norteiam o Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe.

8.1 Caracterização do local da pesquisa

Conhecido como o local “onde o passado e o presente se tocam”, o Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe desempenha um papel fundamental na preservação e acesso aos registros históricos do estado. Nesse espaço singular, documentos e histórias se entrelaçam, formando um elo vivo entre as gerações passadas e o presente. Mais do que um guardião da memória sergipana, o Arquivo atua como uma ponte, permitindo que as gerações atuais mergulhem nas experiências do passado e compreendam a evolução social e histórica de Sergipe ao longo do tempo. Ao unir o passado com o presente, a instituição contribui para uma compreensão mais profunda da identidade e da trajetória histórica da sociedade sergipana.

O Arquivo Judiciário foi formalmente estabelecido em 1984 e sua estrutura orgânica foi consolidada pela Lei n° 3.098, de 09 de dezembro de 1991, que definiu suas funções primárias: recolher, selecionar, classificar, preservar e gerenciar o patrimônio documental do poder judiciário de Sergipe.

Em 2005, uma nova sede foi inaugurada, seguindo os padrões contemporâneos de arquivologia, numa demonstração de reconhecimento da

importância do patrimônio documental que preserva a memória sergipana. Atualmente, o acervo é utilizado tanto para pesquisas científicas quanto para comprovação de direitos (fonte: http://tjse.jus.br/arquivojudiciario.com.br).

Localizado no centro administrativo de Aracaju, o Arquivo do Judiciário desempenha três funções essenciais para garantir a preservação da memória de Sergipe. O site do Arquivo Nacional (Dibrarq, 2023) aponta essas funções, a saber:

> 1- A guarda de documentos históricos, ou seja, guarda da memória do Tribunal de Justiça de Sergipe, esses documentos são tratados e/ou recuperados para que toda sociedade sergipana tenha acesso aos mesmos; 2- A Consulta Documental, onde a sociedades e advogados têm acesso aos processos judiciais, respeitando o sigilo e segredo de Justiça, para que possam exercer seus direitos conforme desejarem; 3- A Gestão documental que tem como objetivo avaliar todos os processos e documentos administrativos, para que, obedecidos a tabela de temporalidade, os mesmos sejam, descartados ou guardados de forma permanente.

Imagem 11 - Arquivo do Judiciário

Fonte: Arquivo do Judiciário[1] (2024).

A entidade abriga 23 acervos, datados dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, organizados em três divisões principais: Divisão da Memória Judiciária, Divisão de Avaliação Documental e Divisão de Recuperação e Consulta Documental. Esses registros não apenas documentam a história jurídica de Sergipe, mas também fornecem uma janela para a compreensão dos aspectos culturais e intelectuais da região ao longo desses séculos.

[1] Disponível em: https://www.tjse.jus.br/arquivojudiciario/ Acesso em 10 nov. 2023.

No que se refere à estrutura organizacional, o prédio do Arquivo é considerado um dos melhores espaços para pesquisa em Sergipe, devido ao adequado acondicionamento dos documentos, à disposição de áreas específicas para o manejo documental e ao atendimento eficiente das demandas dos usuários. Além disso, o site da instituição se destaca como uma fonte rica de informações, disponibilizando grande parte do acervo e outras informações relevantes, facilitando o acesso remoto a documentos e dados relacionados ao arquivo e a pesquisas.

8.2 Público alvo

O público do Arquivo do Judiciário inclui advogados, estudantes, historiadores, professores, estagiários, partes envolvidas em processos e demais interessados na história sergipana. Esses usuários têm acesso aos documentos das três divisões do arquivo, disponíveis para consulta de segunda à sexta-feira, das 7h às 13h.

8.3 Recursos humanos

A instituição, vinculada à Secretaria Judiciária do Tribunal de Justiça de Sergipe, conta com a seguinte estrutura administrativa:

Figura 13 - Organograma do Arquivo do Judiciário

Fonte: Organograma do Arquivo do Judiciário (2024)[2].

A equipe do Arquivo do Judiciário é composta por 28 profissionais, distribuídos em funções de chefia e operação. A estrutura inclui: uma pessoa responsável pela chefia geral, uma recepcionista, um chefe da Divisão de Memória Judiciária, apoiado por dez funcionários operacionais, um chefe da Divisão de Recuperação e Consulta Documental, com sete operacionais, e um chefe da Divisão de Avaliação Documental, que conta com seis colaboradores operacionais.

8.4 Análise de Desempenho Organizacional - SWOT

A ferramenta de diagnóstico utilizada para o presente estudo é a análise SWOT, que permite identificar as forças e fraquezas no ambiente interno da organização, além de mapear as oportunidades e ameaças provenientes do ambiente externo, configurando-se como uma das práticas mais comumente adotadas pelas empresas. A implementação da análise SWOT, apesar de exigir dedicação, pode

[2] Disponível em: https://www.tjse.jus.br/arquivojudiciario/institucional/organograma Acesso em 10 nov. 2023

gerar melhorias substanciais para o negócio, configurando-se como uma estratégia valiosa na gestão organizacional.

A seguir, apresenta-se um quadro síntese da análise SWOT realizada no Arquivo do Judiciário:

Figura 14 - Matriz SWOT

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

8.4.1 Ambiente Interno: Forças

Os seguintes aspectos foram determinados como forças da instituição analisada:

a) **Preservação e organização eficaz dos acervos históricos, garantindo acesso à memória jurídica e social de Sergipe:** o Arquivo do Judiciário possui um programa de gestão documental (normatizado pela Resolução n° 38/2012),

caracterizado pelo conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento dos documentos, que permite a fácil localização e acesso aos documentos.

b) **Estrutura física adequada e conforme padrões arquivísticos contemporâneos:** o ambiente é bem estruturado, preparado para a guarda e manejo dos documentos, além de ser amplo, bem-sinalizado e possuir recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência. Conta ainda com um laboratório de restauro que é de fundamental importância na recuperação e manutenção documental.

c) Atendimento eficiente e recursos adequados para a pesquisa: a equipe de atendimento é prestativa e especializada, oferecendo orientações de maneira clara e rápida, além de auxiliar na exploração dos recursos do ambiente para o desdobramento das pesquisas.

d) Disponibilidade de grande parte do acervo online, facilitando o acesso a informações: a maior parte do acervo encontra-se digitalizado e disponível no site, possibilitando o livre acesso à informação de maneira objetiva.

8.4.2 Ambiente Interno: Fraquezas

Abaixo constam as fraquezas identificadas na análise:

a) **Limitação no horário de funcionamento, restringindo o acesso do público a um turno:** O arquivo funciona de segunda à sexta-feira, das 7h às 13h. Contudo, parte dos usuários possui outros compromissos nesse horário, como trabalho, estudos etc., o que compromete o seu acesso à instituição.

b) **Dependência de uma equipe limitada para gerenciar e operar as divisões do arquivo, o que pode impactar a capacidade de resposta a demandas crescentes:** A alta demanda de acesso a documentos e serviços exige muito do limitado número de funcionários, podendo gerar atrasos na gestão documental e na realização de atividades.

c) **Falta de atualização contínua nas plataformas online, que pode prejudicar o acesso a novos documentos:** Apesar de grande parte do acervo estar online, não há um fluxo contínuo de atualização das informações.

8.4.3 Ambiente Externo: Oportunidades

Ao analisar o contexto externo à instituição, foram encontradas as seguintes oportunidades:

a) **Expansão do acesso digital ao acervo, com o potencial de alcançar um público maior e promover a preservação digital:** a expansão do acervo na versão digital garante maior alcance de público, estimulando explorações de diversas áreas de conhecimento o que contribui para diversificar a produção científica. Além disso, essa iniciativa pode promover as diretrizes da preservação digital e dar mais visibilidade à organização.
b) **Parcerias com instituições educacionais e culturais para promover maior utilização e valorização dos registros históricos:** a instituição detém um vasto acervo cultural relativo a Sergipe. Nesse sentido, estabelecer parcerias com outras instituições e eventos culturais para promover a divulgação de trabalhos e documentos que retratem a realidade sócio-histórico da região representa um passo significativo para a valorização da cultura e da própria instituição.
c) **Investimentos em capacitação da equipe para o uso de novas tecnologias de gestão e preservação documental:** uma equipe capacitada promove um ambiente atualizado, dentro das práticas contemporâneas de preservação além de ser uma ferramenta crucial para o fluxo de informações entre a instituição e a comunidade.

8.4.4 Ambiente Externo: Ameaças

No que tange ao contexto externo à instituição, foram levantadas as seguintes ameaças:

a) **Riscos relacionados à preservação física dos documentos devido à ação do tempo ou eventos imprevistos, como desastres naturais:** embora esteja em um ambiente propício à conservação, a natureza dos documentos os torna continuamente vulneráveis, seja pela ação do tempo, por causas naturais ou pelo manejo inadequado, seja de profissionais negligentes ou de visitantes desavisados.
b) **Possível redução de recursos financeiros destinados à manutenção e expansão do arquivo, devido à dependência de verba pública:** cortes e investimentos limitados em instituições voltadas para a cultura afetam diretamente a realização de projetos e melhorias.
c) **Avanço tecnológico sem a devida adaptação da infraestrutura, levando à obsolescência de métodos de preservação e consulta documental:** o universo arquivístico está sujeito a constantes mudanças tecnológicas que visam facilitar o acesso à informação. Contudo, se essa pauta não estiver dentre as prioridades administrativas da organização em questão, as técnicas ficarão obsoletas, podendo prejudicar o acondicionamento dos arquivos, além do atraso no fluxo informacional, impactando o resgate da memória sergipana.

Essa análise evidencia os pontos que aproximam e os que têm a capacidade de afastar o público da instituição. Estabelecer esse estudo foi fundamental para traçar o perfil do produto a ser criado, um Catálogo natodigital Interativo da Livraria Comercial, que será apresentado no capítulo a seguir.

9 PRODUTO

Além da análise de forças e fraquezas descritas no capítulo anterior, outras instâncias foram consideradas na determinação do produto proposto. A primeira foi a delimitação das obras a serem selecionadas, pois, apesar de o inventário contar com um número expressivo de títulos, foi difícil encontrar informações sobre eles, como nome do autor, ano e editora. Frente a isso, optou-se pela vertente livros escolares e livros de literatura, incluindo literatura de comportamento. A formação da pesquisadora em Letras Vernáculas também foi um ponto que auxiliou essa decisão. Entretanto, mesmo com a delimitação das categorias, por serem obras antigas, houve dificuldade em encontrar os títulos de maneira digitalizada – fato que restringiu o número de obras apresentadas no catálogo.

O segundo critério aborda o formato do produto. Optou-se por apresentar as obras de forma clara e visual, utilizando fotos das capas ou páginas de rosto, acompanhadas das principais informações (como um breve resumo, autor, editora e ano), além de indicar a fonte onde o leitor pode buscar mais detalhes. Com essa estrutura em mente, definiu-se a criação de um catálogo, que, como explica Lopes (2002, p. 32), é um instrumento voltado “para a localização de unidades documentais”. Esse formato reflete precisamente o objetivo do produto: atuar como um elo entre o leitor e as informações originais das obras.

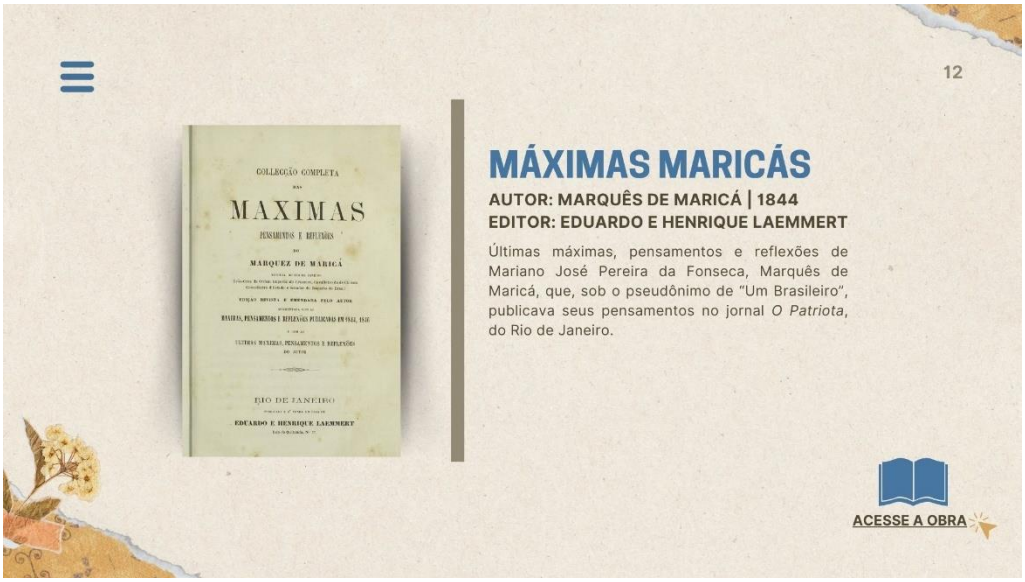
No que diz respeito à materialidade, o catálogo foi concebido em formato natodigital, garantindo fácil acesso e ampla disponibilidade. Além disso, sua interatividade permite que o leitor navegue maneira ágil, utilizando hiperlinks que o direcionam diretamente às informações essenciais das obras listadas, ampliando sua funcionalidade e praticidade. A forma de hospedagem do catálogo também foi um critério de escolha do formato, já que existe a pretensão de ancorá-lo no site do Arquivo do Judiciário, de maneira que possa ser atualizado de acordo com a digitalização de outros títulos contidos no inventário.

Durante o processo criativo, optou-se pelo programa Canva como ferramenta principal, devido à facilidade que oferece no processo editorial, inclusive para pessoas que não são profissionais gráficos e à variedade de recursos disponíveis. O design buscou agregar o aspecto antigo das obras e Aracaju, cidade-

sede da Livraria Comercial, incorporando ao layout cores e elementos que representam um estilo vintage, além de imagens antigas da capital sergipana.

O produto apresenta um layout horizontal em que do lado esquerdo encontra-se a imagem do livro e do lado direito os dados referentes à obra. Essa orientação foi eleita por proporcionar um fluxo de leitura linear, sem estabelecer níveis de hierarquia entre as informações. Os olhos naturalmente transitam da imagem para o texto, e vice-versa, sem a necessidade de ficar rolando a página.

Figura 15 – Página do Catálogo Natodigital da Livraria Comercial



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A tipografia do catálogo apresenta dois tipos de fonte, ambas sem serifa, objetivando uma fácil legibilidade. Além disso, as fontes seguem um nível de hierarquização para destaque dos dados. A utilizada nos títulos denomina-se Cooper Hewitt e possui o estilo bold, ou seja, apresenta traços mais grossos se comparado à fonte regular. A escolha desse tipo busca captar a atenção imediata do leitor de forma rápida. A segunda fonte utilizada chama-se Inter. Ela foi empregada para indicar os dados do autor/editor e ano da obra, no formato negrito, e para o breve resumo das obras foi utilizada em seu formato regular.

O fundo das páginas apresenta uma textura de papel num tom acinzentado, com detalhes que lembram papel antigo na parte inferior esquerda e superior direita. A capa conta com as imagens dos livros encontrados no corpo do catálogo, seguido

de uma contracapa que também apresenta as obras numa disposição diagonal – com o intuito de familiarizar o interagente com os títulos. As capas ainda se apresentam no sumário, e ao clicar sobre alguma delas o leitor é levado diretamente par a página da sua descrição.

Figura 16 – Capa do Catálogo Natodigital da Livraria Comercial

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As cores que predominam no Catálogo Natodigital da Livraria Comercial são o azul, para os títulos, menu e ícone de acesso à obra; o cinza para os demais textos e cor da textura ao fundo, além de alguns tons de marrom para outros componentes como os detalhes das folhas antigas nas extremidades das páginas e na seta que indica o comando de acesso à obra. Essa paleta foi escolhida por conter cores que se remetem ao antigo, relacionando-se assim com os elementos apresentados.

Figura 17 – Cores do Catálogo Natodigital da Livraria Comercial

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Por fim, além das imagens dos títulos, o catálogo ainda conta com mais quatro figuras: duas fotos da cidade de Aracaju do século XX (nas páginas da apresentação) e duas pinturas que retratam imagens de leitores (Jovem Lendo, de Carl Holsoe e A Pequena Traça, de Eduard Swoboda), utilizados para dividir os tipos de obras, a saber, literárias e escolares.

Esse arranjo visual, unido a facilidade de tráfego pelo catálogo e por informações além dele (sites que apresentam a obra integralmente digitalizada) pretendem criar uma experiência interativa que conecte o leitor às obras de maneira objetiva, mas sem deixar de lado o contexto histórico em que elas ganharam relevância.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impossível dissociar o livro dos marcos que transformaram as sociedades ao longo da história. Como se observa, grandes revoluções culturais, científicas e tecnológicas tiveram o livro como elemento central, associado à conquista e disseminação do conhecimento. Com o avanço de uma cultura leitora cada vez mais presente, o pensamento crítico, cientificista e tecnológico ganhou força, moldando as estruturas sociais e intelectuais. Nesse contexto, torna-se essencial investigar o livro em suas dimensões de produção e circulação, pois essas instâncias oferecem valiosas informações sobre a memória, a cultura e a identidade de um povo.

As obras catalogadas na Livraria Comercial representam uma rica herança histórica e identitária do povo sergipano e, por extensão, do brasileiro, situando-se em um período específico: o século XIX. Cada segmento do acervo reflete uma sociedade que acreditava na educação como motor de mudanças sociais e econômicas, valorizava os bons costumes, a moralidade, a civilidade e buscava o aperfeiçoamento profissional e técnico. Paralelamente, essa sociedade mantinha um vínculo com o legado religioso, integrando-o à vida cotidiana.

De uma perspectiva mais ampla, essas obras retratam uma sociedade em processo de desenvolvimento econômico, consolidando uma mentalidade capitalista que associava o conhecimento a melhores oportunidades profissionais e, consequentemente, à ascensão social e à riqueza. Contudo, também evidenciam as delimitações sociais da época, como as diferenças nos papeis atribuídos a homens e mulheres, e revelam um estado que compreendia a educação –, e por extensão, os livros – como um instrumento de articulação entre capacidade produtiva, cultura técnica e interesses políticos. Afinal, nada é criado de forma inocente, nem mesmo um livro.

Foi com o objetivo de explorar esse panorama que este trabalho foi desenvolvido. Lançar luz sobre essas obras é permitir que os leitores se reconectem com a própria história, resgatando suas identidades e promovendo a construção de uma criticidade ampliada. Assim, as obras se tornam fontes inestimáveis para compreender a história da leitura em Sergipe e no Brasil, enriquecendo a reflexão sobre nossa memória e herança cultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adênia Santos; BRITO FILHO, José de Oliveira. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940).** São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

ARAUJO, Germana Gonçalvez de; SANTANA, Jeane de; SANTOS, Vincent Bernardo Alves. A composição gráfica dos impressos informacionais em Sergipe Imperial. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju-SE, v.1, n.50, p. 102-122. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/rihgse/article/view/14560. Acesso em 15 nov. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** Informação e documentação: Referências**.** Rio de Janeiro, 2018.

ARQUIVO DO JUDICIÁRIO. **Arquivo do Judiciário**. 2024. Disponível em: https://www.tjse.jus.br/arquivojudiciario/ Acesso em 10 nov. 2023.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Leituras das Famílias Brasileiras no Século XIX**:O Jornal das famílias (1863-1878). Rev. Portuguesa de Educação, Braga, v. 15, n. 2, p. 169-214, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26465016_Leituras_das_familias_brasileiras_no_seculo_XIX_O_Jornal_das_familias_1863-1878. Acesso em: 08 set. 2024.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Coração, de Edmundo de Amicis (1886)**: um sucesso editorial. In: Aníbal Bragança (org.). O Rei do Livro: Francisco Alves na História do Livro e da Leitura no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016

BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. **A Coleção Econômica de Laemmert & C. Editores** – Estratégia editorial no campo literário brasileiro nos últimos anos do século XIX. Rev. Diacrítica, Rio de Janeiro, v. 33, n, 3, p. 84-102, 2019. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/50fb/372aada87438731aaf299ff790b449421087.pdf. Acesso em: 02 nov. 2024.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguierre, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe República** (1889-2000). Aracaju: Editora Seduc, 2022.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DIRETÓRIO BRASIL DE ARQUIVOS. Arquivo Nacional. **Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe**. 2023 Disponível em: http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/arquivo-geral-do-judiciario-de-sergipe.Acesso em: 10 nov. 2023.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. **Diagnóstico**. 2021. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/diagn%C3%B3stico. Acesso em: 20 out. 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. *In:* DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. p. 21-52.

EL FAR, Alessandra. Os livros, as flores e a dinâmica das edições populares no século XIX. In: SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Letícia Cantarela. **História da Comunicação**: experiências e perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREIRE, M.C.M; PATTUSSI, M. P. Tipos de estudo. *In*: ESTRELA, C. **Metodologia científica**: ciência, ensino, pesquisa. Porto Alegre: Artes Médica, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** São Paulo: Ateliê Editorial: 2019.

HOBSBAWN, Eric. **A Era das Revoluções**: 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

IMPRENSA OFICIAL DE SERGIPE. **História da Imprensa Oficial de Sergipe**. 2023. Disponível em: www.segrase.se.gov.br/historia. Acesso em: 15 de nov. 2023.

JORNAL DO ARACAJU. **Alfandega do Aracajú**. Ed. 00497, n. 497, p. 4. Sergipe, quinta-feira, 2 de julho de 1874. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=218790&Pesq=jos%c3%a9%20guilherme%20vieira&pagfis=140 Acesso em: 15 de nov. 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LOPES, André Porto Ancona. **Como Descrever Documentos de Arquivo**: elaboração de instrumentos de pesquisa. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e Sociologia dos Textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018
MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: anos 40 e 50. Aracaju: UNIT, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; SALES, Tâmara Regina. Almanaque do Bom Homem Ricardo: práticas educacionais norte-americanas e sua circulação no Brasil Oitocentista. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, n.15, p. 72-85, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/2812/2450. Acesso em 29 ago. 2024.

NUNES, Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Educação, 1984.

PEREIRA, Antônia Maria. **Crônica de uma dinastia livreira**. Lisboa: Pandora, 1998.

PUJOL, Alfredo. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado de S. Paulo em 30 de março de 1896 pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Instrução Pública**. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1896.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. **São Paulo**: cidade dos livros escolares. In: Aníbal Bragança e Márcia Abreu (orgs). Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p.101-120.

SANTOS, Elissandra Silva. **Livraria Regina**: notas sobre a aventura do livro em Aracaju (1918-1976). Monografia (graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.

SANTOS, Elissandra Silva. Breves notas sobre a história do livro em Sergipe: tipografias, gráficas, livreiros, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970). *In*: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2. 2009. Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: [*s.n*.], 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação**: significado, controvérsias e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

SILVA, Ozângela de Arruda. **Pelas rotas dos livros**: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Espaço da Educação e da Civilização**: origens dos grupos escolares no Brasil. In: Saviani et. al. O Legado Educacional do Século XIX. São Paulo: Autores Associados, 2014.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções**: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: Aníbal Bragança e Márcia Abreu (orgs). Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p.139-156.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**: a educação no Brasil de oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

APÊNDICE - Relação dos livros do inventário da Livraria Comercial (Quantidade e Título)

- 267- Romances Col. Moderna
- 3- Histórias Imperatriz Porcina
- 2- Livros Gargalhadas
- 3- Romances Col. Econômica
- 2- Romances Col. Pereira
- 1- Romances * Econômica
- 3- Romances Thua Alheia
- 1- Romances Col. Pimentões
- 2- Poesias Nebulosas
- 1- Romance Magdalena
- 1- Poesias Embrionárias
- 5- Romances Attlantide
- 1- Romances Encinhamento
- 1- Romance Adultera em 2v
- 1- Uraguay
- 17- Bom Homem Ricardo
- 2- Jogos Ginásticos
- 1 - Rotas de um repórter
- 1- Romance Minhas Memórias
- 1- A arte de fazer fortuna
- 2- Livro Parlamento e Presidência
- 2- Cânticos Infantis
- 1- Livro Ethnographia
- 1- Evolucionismo
- 1- Romance Sinhá
- 1- Livro Poesias Alberto Oliveira
- 4- Apostilas Gramática Geral
- 1- Aritmética da Infância

- 1- Gramática Francesa Moura
- 13- Cadernos Caligráficos
- 61- Cadernos Garnier
- 2 - Código Orlando
- 3- Livros Assessor Forense
- 1 – Clinica Geral
- 3- Livros Vade-Mecum
- 2- Constituição do Brasil
- 1- Instituições Orfanológicas
- 1- Guia de Correspondência
- 1- Livlogia W. Desplato
- 1- Traité Hygiene Sociale
- 1- Manual Droit * Verreacional
- 1- Curso de Religião
- 1- Tesouro da Gramática Brasileira
- 1- Frances seu mestre
- 5- Curso de Pedagogia
- 1- Dicionário João de Deus
- 2 – Livros Método Francês
- 2 – Cozinheiro e Doceiro Brasileiro
- 2- A Filon
- 1- Par Dicionário inglês-português e vice-versa
- 2- Par Dicionário Português Fonseca e Roquette
- 1- Par Dicionário Alemão Bosche
- 5- Livros Marcan
- 6- P. Corus – Charles André
- 1- Doceria Brasileira
- 2- Teatro de Macêdo
- 3- Tradutor de francês
- 4- Gramáticas Alemãs
- 1- Máximas Maricás

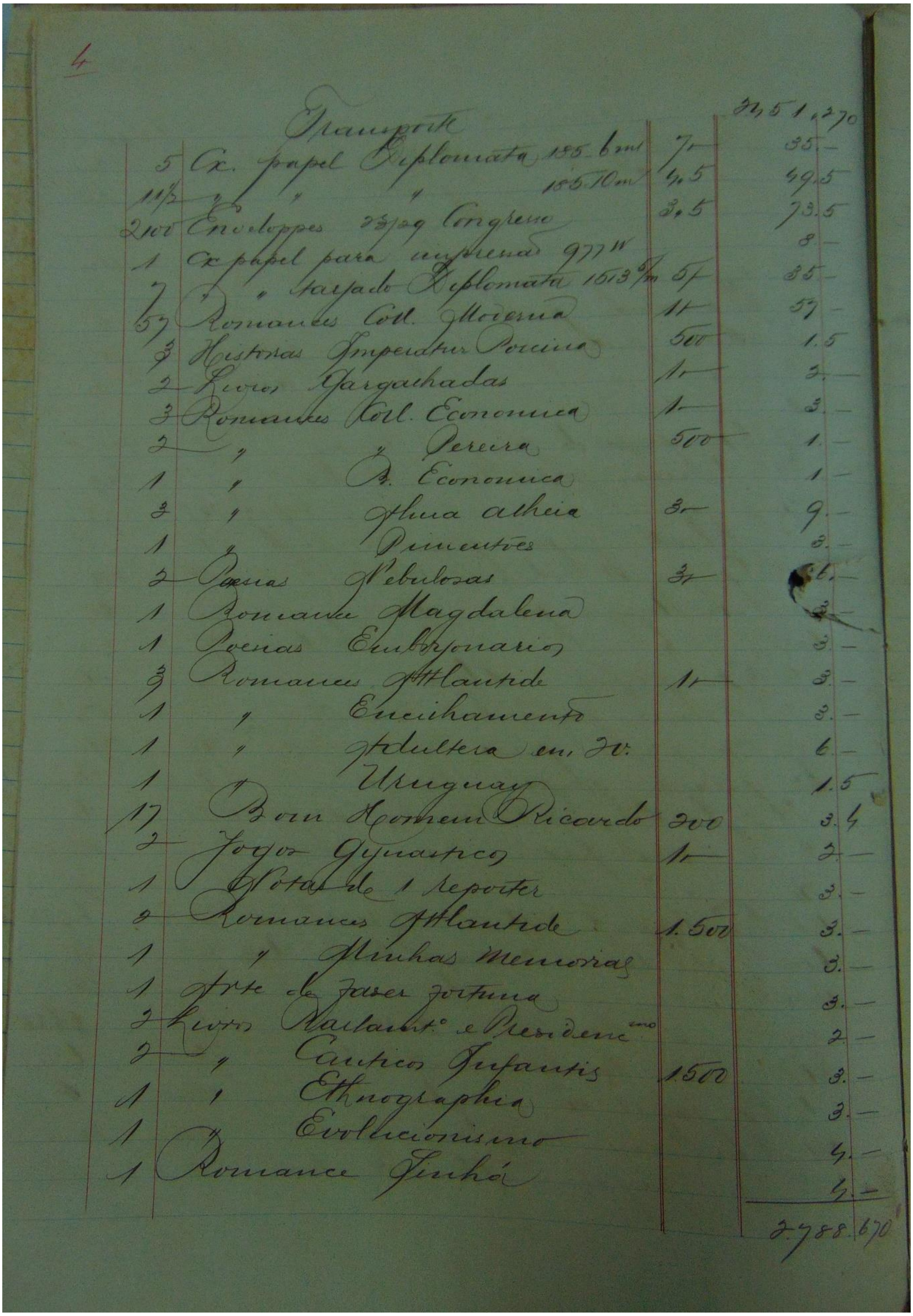
- 1- Elemento Economia Política
- 1- Gramática * Bensabarth
- 2- Manual do Bom Tom
- 2 – O Cuidado das Crianças Kneipp
- 2- Alemães Gotta Irhe
- 5- Gramáticas Latinas Pe. N.
- 10- Gramáticas latinas J P. S. Guimarães
- 5- Titi Livii
- 6- Manual Maçônico
- 4- Autores Clássicos
- 1- Código Penal Autran
- 1- Caminho da Cruz
- 1- Novo Método Francês
- 1- O ventre de Paris
- 20- Novo mês de Maria
- 1- Horas Marianas
- 2- Imitação de Cristo
- 1- Conto de Fadas
- 2 – Lydia
- 1- Enciclopédia da Infância
- 1- D. Quixote
- 1- Parábolas e Histórias Moraes
- 3- Gérmen do Crime
- 2- Criminologia do Direito
- 2- Juristas Filósofos
- 10- Cultura de Alanieoba
- 1- Aritmética Prim. Trajano
- 5- Chaves Aritmética Progressiva
- 38- Taboadas e Elementos Aritméticos
- 38- Novo Compendio
- 8- Folhetos Histórias Jocosas

- 1- Alegria da Casa
- 1- Nulidades dos Atos Jurídicos
- 17- Noções da vida prática
- 24- Coração
- 8- Curso Methódico Geografia
- 2- Noções História Universal
- 3- Química Geral
- 3- Enciclopédia Primária
- 8- Estrada Suave
- 3- Noções da Vida Doméstica
- 1- Tesouro da Infância
- 13- História Bíblica
- 10- Felisberto Carvalho 1° Livro
- 17- Felisberto Carvalho 2° livro
- 7- João Ribeiro- Gramática 1° ano
- 3 – Gramática João Ribeiro 3° ano
- 3- História do Brasil Vilas Lobo
- 6- Epitome História Brasil *
- 4- História Brasil F. Freire
- 9 – Contos Brasileiros
- 6- Primeiros Passos
- 2 – Noções História Natural
- 2- Ciências Naturais e Físicas
- 4- Compêndios Análise Lógica
- 1 – Noções Análise Gramatical
- 1 – Elementos Ortografia
- 3 – Geografia Sodré
- 1 – O Brasil
- 11- Epitome História Sagrada
- 2 – Ópera
- 1 – Terceiro Livro F. Rosa

- 2 – Consultas Domésticas
- 5 – Orador Familiar
- 4 – C. d’Abreu – Poesias
- 5 – Castro Alves – Poesias
- 4- Gonçalves Dias – Poesias
- 1 – O. Barreto – Poesias
- 1 – Geometria de Ottoni
- 11- Geometria prática O. Freire
- 37 – Geometria Prática Abilio
- 16 – Geografia Atlas
- 35- Presidente livro Abilio Borges
- 7- Livro do povo
- 22- Terceiro Livro
- 13- Quais 4
- 6 – Livros La Selectrou
- 3 – O médico dos pobres
- 1 – Álbum das crianças
- 1 – Gramática Português Oliveira
- 3 – 1° livros * Oliveira
- 8 – Exercícios Poéticos
- 1 – Inscrição Naval e Cívica
- 1 – Lições Ortográficas
- 2 – Le Tasse
- 3 - A Escola Primária
- 2 – Manual do Saboeiro
- 1 - Gramática do Português Júlio Ribeiro
- 1 – Gramática do Português B. Oliveira
- 6- Florilegio Brasileiro
- 1 – Ação Pública e Privada
- 1 – Constituição do Brasil
- 1 – A consciência do século

- 1 – Livro Sabino
- 2 – Cuicinas Quebra Louça
- 1 – Moreiro d’ Alcalá
- 1 – Manual Prático Medicina Veterinária
- 1 – O castelo de veludo
- 1 – Pela prática e pela república
- 2 – Trabalho Manual
- 1 – Expositor língua materna
- 1 – Dicionário das flores
- 2 – Métodos de Solfejo Rodoefo
- 3 – Métodos de Solfejo para Piano Gunter
- 1 – Atlas de Geografia
- 1 – Romance A Odalisca
- 1- Romance O Colar
- 11- Romance José Alencar
- 3 – Col. Ritual Maçônico
- 2 – Constituições
- 118 – Gramática Português Abilio
- 13 – Gramática Português M. W
- 80 – Manuscrito Duarte
- 16 – Aritmética Progressiva
- 2 – Aritmética Soi Pereira
- 8 – Física Langlebert
- Segundos Livros Hilário Ribeiro
- Terceiros Livros Hilário Ribeiro
- Quartos Livros Hilário Ribeiro

ANEXO – Fac-símiles de alguns fólios do Inventário da Livraria Comercial

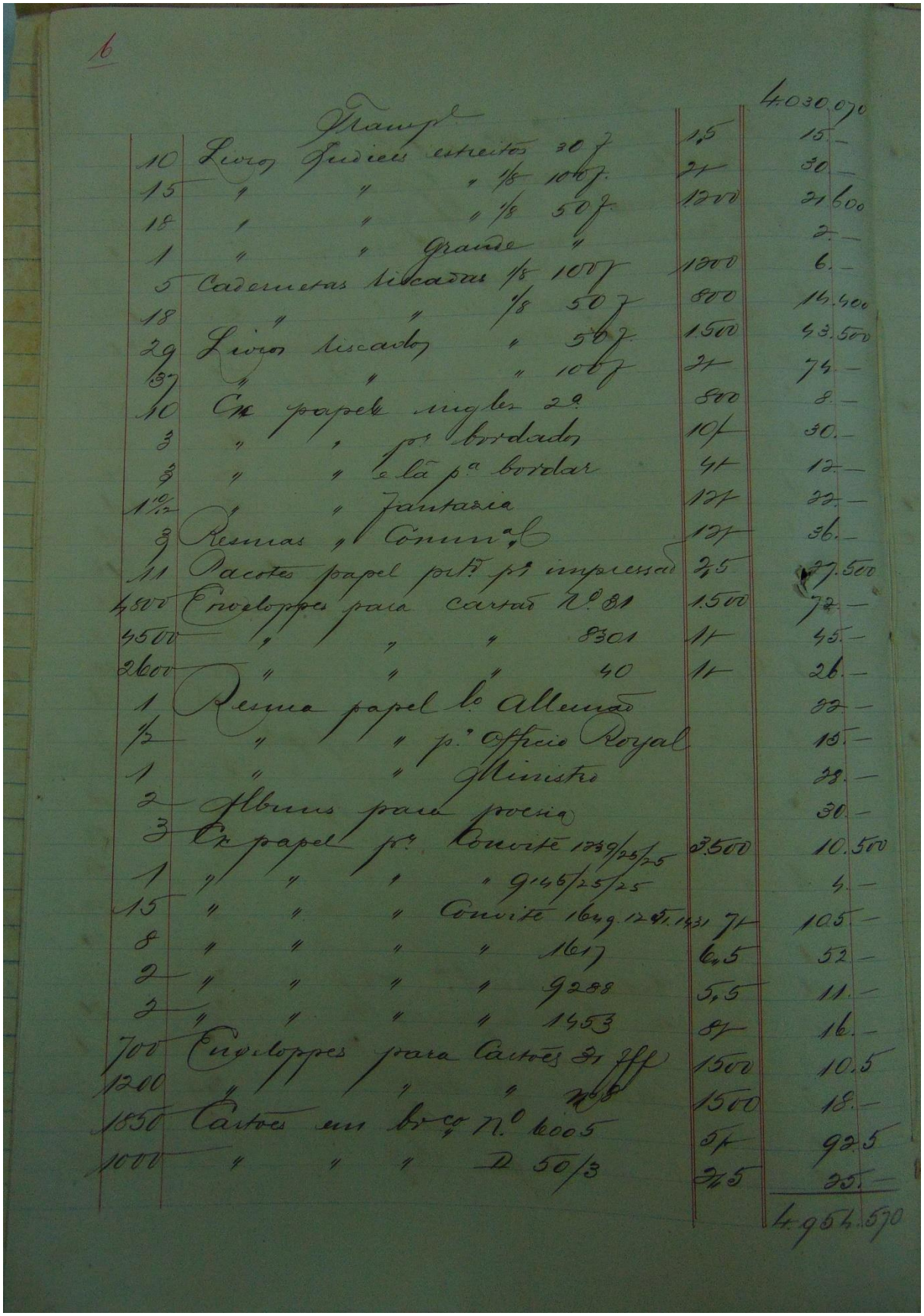


4

	Transporte		2.451.270
5	Cx. papel Diplomata 185.6m	7-	35.-
11	" " " 185.10m	4.5	49.5
2100	Envelopes 23/29 Congresso	3.5	7.3.5
1	Cx papel para impressão 977 W		8.-
7	" " Tarjado Diplomata 1613 6/m	5-	35.-
57	Romances Coll. Moderna	1-	57.-
3	Historias Imperatriz Porcina	500	1.5
2	Livros Gargalhadas	1-	2.-
3	Romances Coll. Economica	1-	3.-
2	" " Pereira	500	1.-
1	" B. Economica		1.-
3	" Alma alheia	3-	9.-
1	" Pimentões		3.-
2	Poesias Nebulosas	3-	6.-
1	Romance Magdalena		3.-
1	Poesias Embryonarios		3.-
3	Romances Atlantide	1-	3.-
1	" Encilhamento		3.-
1	" Adultera em 2v.		6.-
1	" Uruguay		1.5
17	Bom Homem Ricardo	200	3.4
2	Jogos Gymnasticos	1-	2.-
1	Notas de 1 reporter		3.-
2	Romances Atlantide	1.500	3.-
1	" Minhas memorias		3.-
1	Arte de fazer fortuna		3.-
2	Livros Parlamentº e Presidencialismo		2.-
2	" Canticos Infantis	1.500	3.-
1	" Ethnographia		3.-
1	" Evolucionismo		4.-
1	Romance Sinhá		4.-
			2.788.670

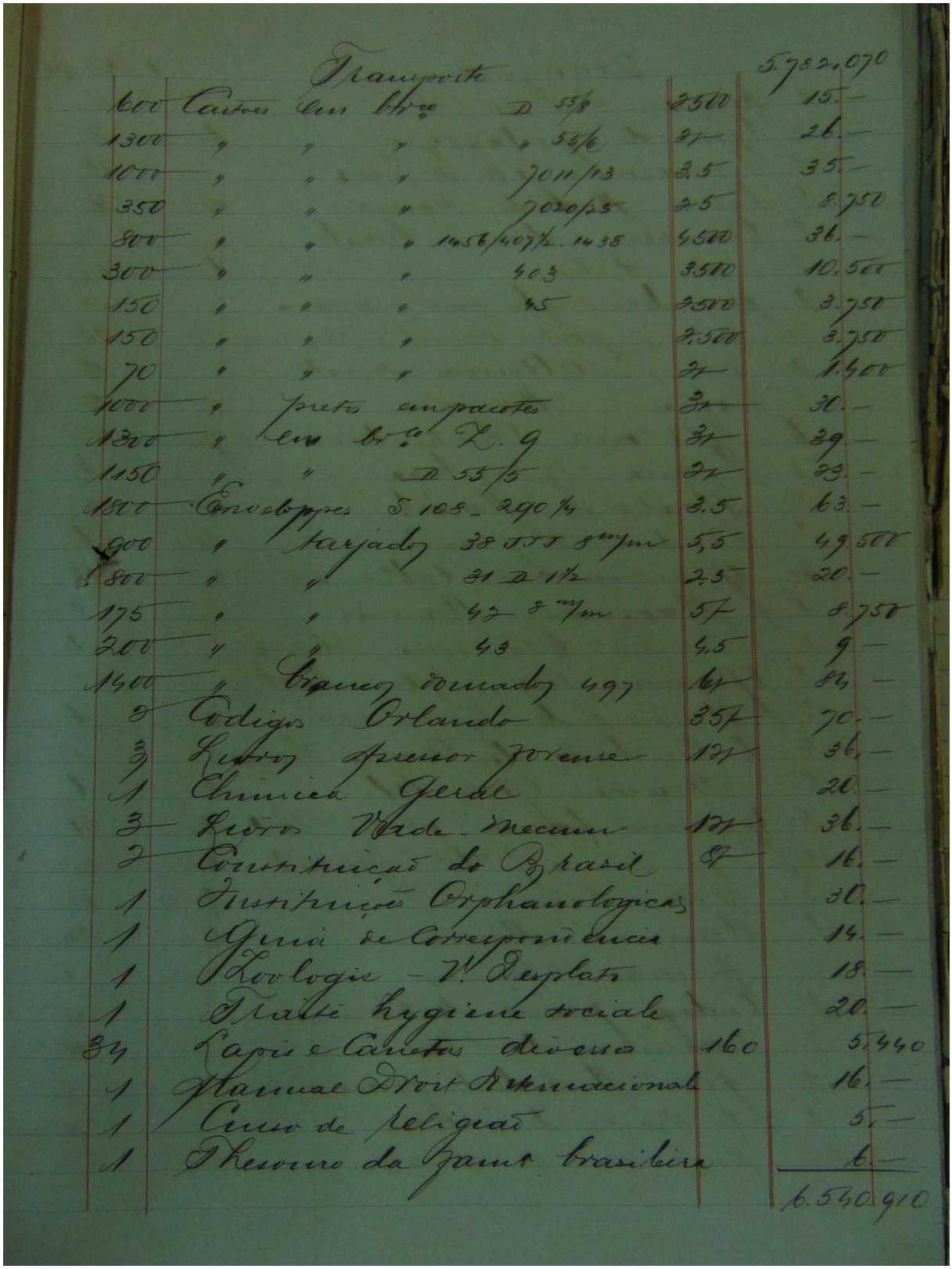
Transporte

			3.788.670
1	Livro poesias Alberto Oliv.ª		5.—
4	Postillas Gramm. Geral	2500	10.—
1	Arithmetica da Infancia		1.—
1	Gramm. franceza Homond		1.—
13	Cadernos Caligraphicos	400	5.2
61	" Garnier	200	12.2
11	Livros Commerciaes encad.º G panno	20$	220.—
1	" " " " 300 f. "	28$	28.—
2	" " " "	24$	48.—
4	" " " "	16$	64.—
2	" " " "	15$	30.—
14	" " " "	14$	196.—
8	" " " " Sorv.º	12$	96.—
4	" " " " G papelão	16$	64.—
5	" " " " G panno	13$	65.—
5	" " " " "	11$	55.—
3	" " " " "	10$	30.—
4	" " " " "	9.—	36.—
1	" " " " G papelão		7.5
7	" " " " "	6.500	45.500
2	" " " " G panno	8$	16.—
4	" " " " "	7.—	28.—
14	" " " " 50 f. "	2$	28.—
5	" " em 1/4 " " 100 f.	4.5	22.5
6	" " " " " " 50 "	3.5	21.—
6	" Estreitos em br.º 100 f.	2.5	15.—
10	" em br.co de pontos 1/4	3$	30.—
3	" " " " " 1/8	2$	6.—
3	" Indices 1/4 100 f.	2.5	7.5
4	" " " 50 f.	2$	8.—
16	" " largos 50 f.	2.5	40.—
			4.030.070

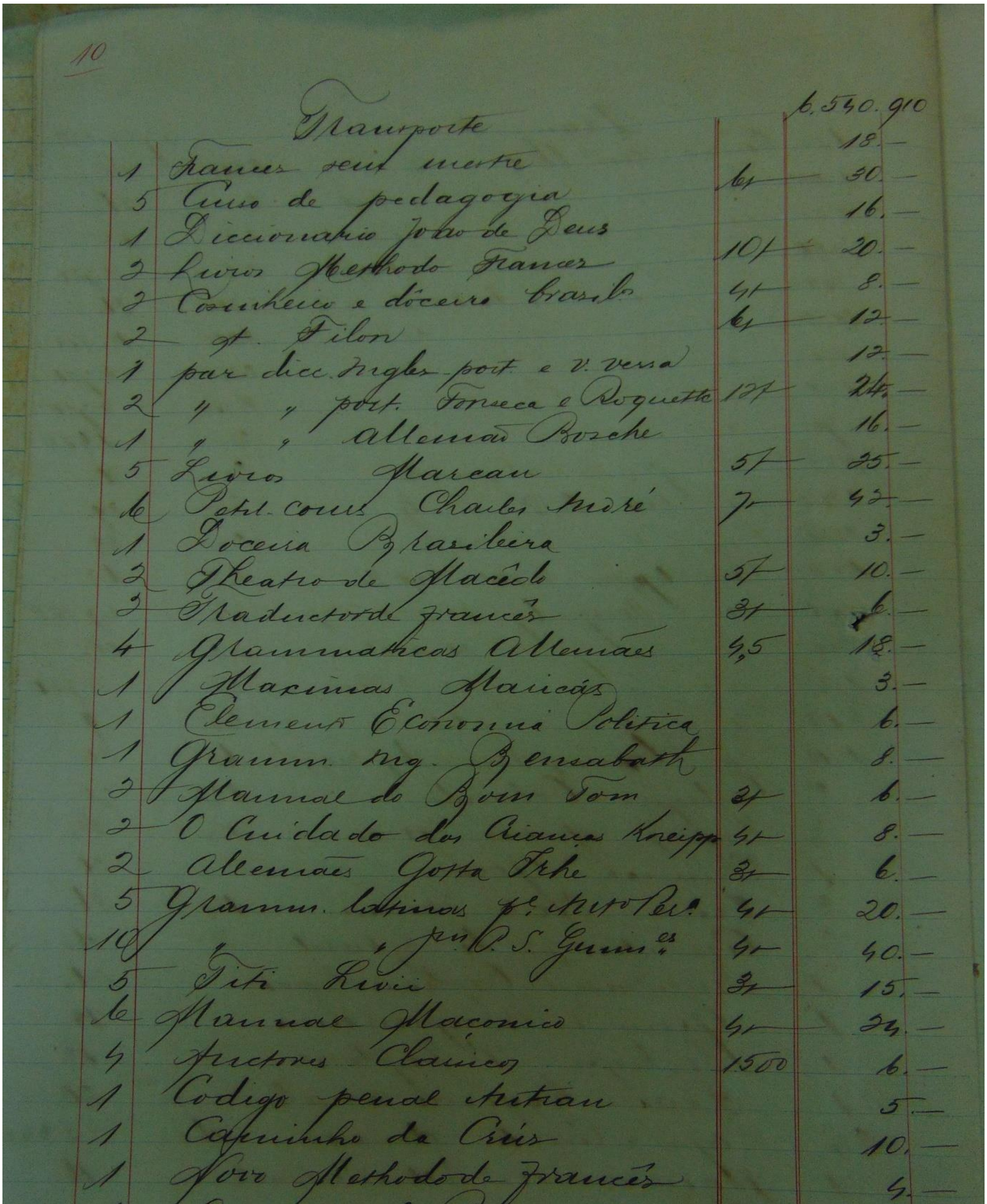


6

	Transp.te			4030.070
10	Livros Judiciaes estreitos 30 f	1,5	15.—	
15	" " " 1/8 100 f.	2f	30.—	
18	" " " 1/8 50 f.	1200	21.600	
1	" " Grande "		2.—	
5	Cadernetas liscadas 1/8 100 f	1200	6.—	
18	" " 1/8 50 f	800	14.400	
29	Livros liscados " 50 f.	1.500	43.500	
37	" " " 100 f	2f	74.—	
10	Cx papel inglez 2a	800	8.—	
3	" " p.s bordados	10f	30.—	
3	" " e lã p.a bordar	4f	12.—	
1 1/2	" " fantasia	12f	22.—	
3	Resmas " Commm.l	12f	36.—	
11	Pacotes papel pott. p.s impressão	2,5	27.500	
4800	Envelopes para cartas N.o 81	1.500	72.—	
4500	" " " 8301	1f	45.—	
2600	" " " 40	1f	26.—	
1	Resma papel b.co Allemão		22.—	
1/2	" " p.a Office Royal		15.—	
1	" " Ministro		28.—	
2	Albuns para poesia		30.—	
3	Cx papel p.s Convite 1739/25/25	3.500	10.500	
1	" " " " 9145/25/25		4.—	
15	" " " Convite 1629.1251.1431	7f	105.—	
8	" " " " 1617	6,5	52.—	
2	" " " " 9288	5,5	11.—	
2	" " " " 1453	8f	16.—	
700	Envelopes para Cartões 81 ff	1500	10.5	
1200	" " " N.o 66	1500	18.—	
1850	Cartões em b.co N.o 6005	5f	92.5	
1000	" " " D 50/3	2,5	25.—	
			4.954.570	



	Transporte			5.782.070
600	Cartões em brº	D 5/8	2500	15.—
1300	" " "	" 5 5/6	2$	26.—
1000	" " "	7011/13	2.5	35.—
350	" " "	7020/25	2.5	8.750
800	" " "	1456/407½. 1435	4500	36.—
300	" " "	403	3500	10.500
150	" " "	45	2500	3.750
150	" " "		2.500	3.750
70	" " "		2$	1.400
1000	" pretos em pacotes		3$	30.—
1300	" em brº D. 9		3$	39.—
1150	" " D 55/5		2$	23.—
1800	Envelopes S. 108 - 290 ¼		3.5	63.—
900	" tarjados 38 555 8mm/m		5,5	49.500
800	" " 31 D 1½		2.5	20.—
175	" " 42 8 m/m		5$	8.750
200	" " 43		4.5	9.—
1400	" brancos rotulados 497		6$	84.—
2	Codigos Orlando		35$	70.—
3	Livros apenso forense		12$	36.—
1	Chimica Gerde			20.—
3	Livros Vade mecum		12$	36.—
2	Constituição do Brasil		8$	16.—
1	Instituições Orphanologicas			30.—
1	Guia de Correspondencia			14.—
1	Zoologie - V. Desplats			18.—
1	Traité hygiene sociale			20.—
34	Lapis e Canetas diversos		160	5.440
1	Manual Droit International			16.—
1	Curso de Religião			5.—
1	Thesouro da Juventude brasileira			6.—
				6.540.910

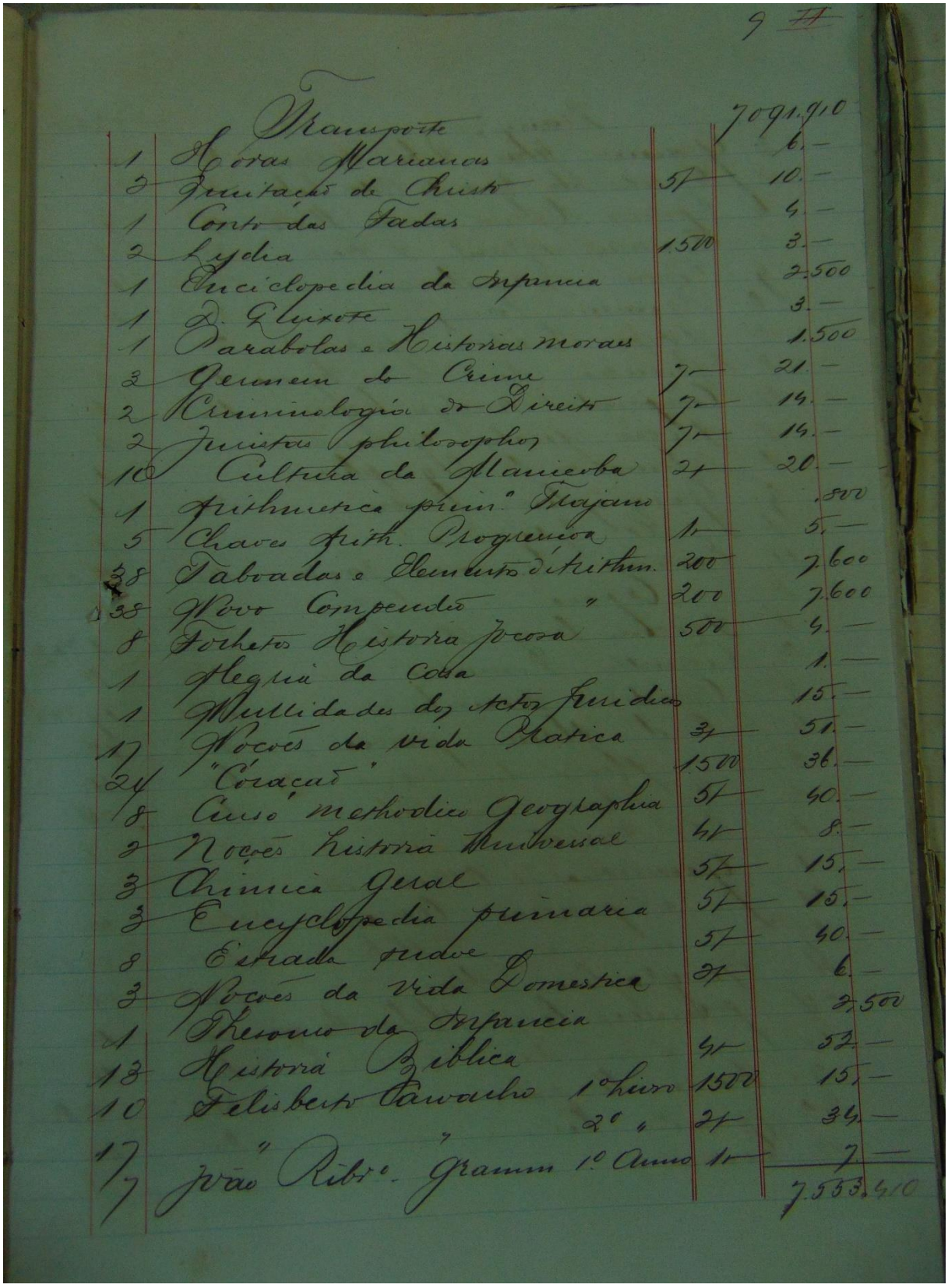


10

Transporte 6.540.910

Qtd.	Título	Preço	Total
1	Francez sem mestre		18.—
5	Curso de pedagogia	6$	30.—
1	Diccionario João de Deus		16.—
2	Livros Methodo Francez	10$	20.—
2	Cozinheiro e doceiro brasil.º	4$	8.—
2	" Filon	6$	12.—
1	par dicc. Inglez-port. e v. versa		12.—
2	" " port. Fonseca e Roquette	12$	24.—
1	" " allemão Bosche		16.—
5	Livros Marcau	5$	25.—
6	Petit cours Charles André	7$	42.—
1	Doceira Brasileira		3.—
2	Theatro de Macêdo	5$	10.—
2	Traductor de francez	3$	6.—
4	Grammaticas allemães	4,5	18.—
1	Maximas Maricás		3.—
1	Element. Economia Politica		6.—
1	Gramm. ing. Bensabath		8.—
2	Manual do Bom Tom	3$	6.—
2	O Cuidado das Crianças Kneipp	4$	8.—
2	allemães Gotta Irhe	3$	6.—
5	Gramm. latinas P.e Netto Per.ª	4$	20.—
10	" " Pr. O. S. Guimar.es	4$	40.—
5	Titi Livii	3$	15.—
6	Manual Maçonico	4$	24.—
4	Auctores Classicos	1500	6.—
1	Codigo penal Autran		5.—
1	Caminho da Cruz		10.—
1	Novo Methodo de Francez		4.—
1	O Ventre de Paris		10.—
20	Novo mez de Maria	6$	120.—
			7.091.910

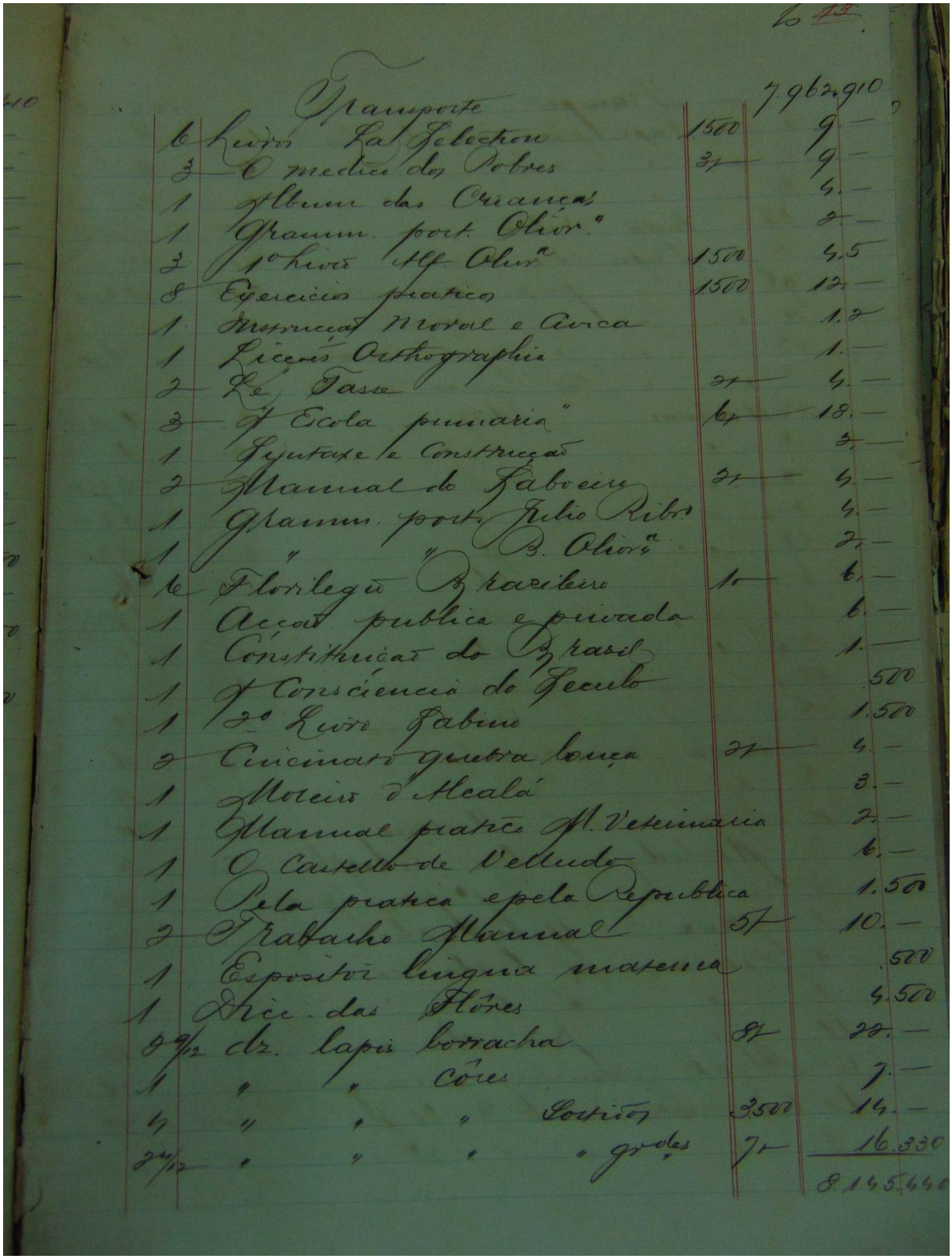
9 ~~11~~



	Transporte		7091.910
1	Horas Marianas		6.—
2	Imitação de Christo	5$	10.—
1	Conto das Fadas		4.—
2	Lydia	1.500	3.—
1	Enciclopedia da Infancia		2.500
1	D. Quixote		3.—
1	Parabolas e Historias moraes		1.500
3	Germem do Crime	7$	21.—
2	Criminologia do Direito	7$	14.—
2	Juristas philosophos	7$	14.—
10	Cultura da Manicoba	2$	20.—
1	Arithmetica prim.ª Trajano		.800
5	Chaves Arith. Progressiva	1$	5.—
38	Taboadas e Elementos d'Arithm.	200	7.600
38	Novo Compendio "	200	7.600
8	Folhetos Historia Jocosa	500	4.—
1	Alegria da Casa		1.—
1	Nullidades dos Actos Juridicos		15.—
17	Noções da vida Pratica	3$	51.—
24	"Coração"	1500	36.—
8	Curso methodico Geographia	5$	40.—
2	Noções historia Universal	4$	8.—
3	Chimica Geral	5$	15.—
3	Encyclopedia primaria	5$	15.—
8	Estrada suave	5$	40.—
3	Noções da vida Domestica	2$	6.—
1	Thesouro da Infancia		2.500
13	Historia Biblica	4$	52.—
10	Felisberto Carvalho 1º Livro	1500	15.—
17	" " 2º "	2$	34.—
7	João Ribr.º Gramm 1º Anno	1$	7.—
			7.553.410

12

Qtd.	Título	Preço	Total
	Transpᵉ		7.553.410
3	Gramm. João Ribº 3º anno	3$	9.—
3	Historia do Brasil Vilas Lobo	3$	12.—
6	Epitome Historia Brasil M.D.R.	1$5	9.—
4	Historia Brasil F. Freire	2$	8.
9	Contos Brazileiros	2$	18.—
6	Primeiros Passos	2$	12.—
2	Noções Historia Natural	2$	4.—
2	Sciencias Naturaes e Physicas	1500	3.—
4	Compendio Analyse logica	1500	6.—
1	Noções Analyse Gramm.		1.—
1	Elementos Orthographia		1.—
3	Geographias Bodré	2$	6.—
1	O Brasil		1.—
11	Epitome Historia Sagrada	1500	16.500
2	Opera	4$	8.—
1	Terceiro livro F. Roza		1.300
2	Consultor Domestico	1500	3.—
5	Orador Familiar	3.500	17.500
4	C. d'Abreu - poesias	3$	12.—
5	" Alves "	6$	30.—
4	G. Dias "	6$	24.—
1	T. Barreto		5.—
1	Geometria de Ottoni		5.—
11	" pratica O. Freire	2$	22.—
37	" " Abilio	1.500	55.500
16	Geographia Atlas	1.500	24.—
24	Primeiro livro Abilio Borges	500	12.—
11	" " " "	1$	11.—
7	Livro do povo	400	2.800
22	Terceiro livro	2$	44.—
13	Quarto "	2$	26.—
			7.962.910



	Transporte			7$962$910
6	Livro Lal Selection	1$500	9$—	
3	O medico dos Pobres	3$—	9$—	
1	Album das Crianças		4$—	
1	Gramm. port. Oliv.ª		2$—	
2	1º livro Alg. Oliv.ª	1$500	4$5	
8	Exercicios praticos	1$500	12$—	
1	Instrucção Moral e Civica		1$2	
1	Lições Orthographia		1$—	
2	Le Tasse	2$—	4$—	
3	4ª Escola primaria"	6$—	18$—	
1	Epitome de Construcção		3$—	
2	Manual do Laboreiro	2$—	4$—	
1	Gramm. port. Julio Ribr.ª		4$—	
1	" B. Oliv.ª		2$—	
6	Florilegio Brazileiro	1$—	6$—	
1	Acção publica e privada		6$—	
1	Constituição do Brazil		1$—	
1	4ª Consciencia do Seculo		$500	
1	2º Livro Fabino		1$500	
2	Cinicinato quebra louça	2$—	4$—	
1	Moreira d'Alcalá		3$—	
1	Manual pratico M. Veterinaria		2$—	
1	O Castello de Vellude		6$—	
1	Pela patria e pela Republica		1$500	
2	Trabalho Manual	5$—	10$—	
1	Espositor lingua materna		$500	
1	Dicc. das Flores		4$500	
8½	dz. lapis borracha	8$—	20$—	
1	" " Côres		7$—	
4	" " " Costiços	3$500	14$—	
2½	" " " " grandes	7$—	16$250	
				8$145$440